



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E INTERVENÇÕES DE SAÚDE

VALÉRIA CRISTINA FIGUEIRA DE BRITO

ENLACES E DESENLACES: OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES
PARA AMAR NA CONTEMPORANEIDADE

Salvador

2021

VALÉRIA CRISTINA FIGUEIRA DE BRITO

**ENLACES E DESENLACES: OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES
PARA AMAR NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de dissertação do curso de Mestrado em
Psicologia e Intervenções em Saúde da Escola
Bahiana de Medicina e Saúde Pública, sob a
orientação da Prof.^a Mônica Daltro.

Salvador

2021

AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres, pensadoras, trabalhadoras, amadoras e bruxas, que desbravaram o caminho para que eu pudesse passar, com meus questionamentos e descobertas, livre para pensar e amar.

Às minhas antepassadas, em especial, Stella e Zilda, minhas avós.

À minha mãe, Edilce, a professora que sempre ofereceu o melhor de si.

À minha tia Heleusa, que primeiro me mostrou o quanto estudar é libertador.

A todas as professoras que iluminaram essa passagem.

A Mônica Daltro, essa que sonha, sabe e faz a hora acontecer.

Aos meus colegas de partilha do Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde e do grupo de pesquisa Psicologia, Diversidade e Saúde, por tantas trocas enriquecedoras.

Às participantes da minha qualificação, Anna Amélia Faria e Rosângela Matos que, com tanta destreza, me conduziram a aprofundar este estudo.

Aos meus filhos, Victor, Sarah e Nina, por quem eu me esmero e me derreto.

Ao meu irmão que vale por dez, Marcos Brito.

E a Marcelo, que me apresenta tudo sobre o amor que não cabe nas palavras.

*Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério
por muito que pareça muito sério.*

Elizabeth Bishop

RESUMO

O amor é um dos temas mais procurados em todas as ferramentas de busca: real, material e mental. Ao mesmo tempo, é um tema impossível de ser totalmente apreendido. Este trabalho desafia-se a discutir os reveses da experiência de amar da mulher brasileira contemporânea. O trabalho desdobra-se em três etapas. A primeira é uma revisão integrativa de literatura, direcionada para conceitos sobre o amor, contemporaneidade e o luto decorrente do fim dos vínculos amorosos. A segunda é uma revisão de literatura que aborda conceitos como a história do amor, dados sobre a mulher brasileira na atualidade e a transformação da intimidade. As análises teóricas decorrentes deste estudo circunscrevem a necessidade de uma intervenção que dê voz às mulheres, para investigar como elas vêm sentindo os modelos de amar e se separar, na atualidade, assim como a forma como a psicologia tem pensado e manejado essas experiências, considerando o seu empoderamento da mulher. A terceira etapa deste trabalho descreve o desenvolvimento de um canal no Youtube com vista a promover reflexão sobre a temática do amor e do seu desenlace, possibilitando a discussão ampla sobre aspectos da contemporaneidade e estratégias de enfrentamento das dores implicadas. Tal produto surgiu a partir do questionamento sobre a vivência das mulheres nos seus desenlaces amorosos e o silenciamento encontrado na literatura. Trata-se de um canal de comunicação virtual com informações científicas, históricas, além de histórias vividas, constituindo-se uma estratégia de reflexão sobre as mulheres, realizada por mulheres, para as mulheres.

Palavras-chave: Amor. Dor de amor. Mulheres. Contemporaneidade. Youtube.

ABSTRACT

Love is one of the most-searched-for topics across all search engines: real, material, and mental. At the same time, it is an impossible topic to comprehend completely. This work sets out to discuss the challenges of the contemporary Brazilian woman's love experience. The work unfolds in three stages. The first is an integrative literature review focusing on love, contemporaneity, and grief as they arise from love bonds. The second is a literature review that explores concepts such as the history of love, data on Brazilian women today, and intimacy transformation. The theoretical analyses resulting from this study circumscribe the need for an intervention that gives women a voice, to investigate their feelings on today's models of love and separation, and how psychology has reflected and managed these experiences, considering women's empowerment. The third stage of this work introduces the development of a YouTube channel to promote reflection on the theme of love and disengagement, allowing for a broad discussion on contemporary aspects and coping strategies for the pain involved. This product arose from challenging women's experiences and the silencing found in the literature. It is a virtual communication channel with scientific and historic information, as well as lived histories, constituting a strategy for reflection on women, carried out by women, for women.

Keywords: Love. Pain of Love. Women. Contemporaneity. Youtube.

LISTA DE FIGURAS

ESTUDO 1

Figura 1: Categorias de análise dos artigos selecionados	40
Figura 2: Classificação dos artigos selecionados referentes à dor de amor na contemporaneidade	41

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
INTRODUÇÃO	7
OBJETIVOS	9
Objetivo geral	9
Objetivos específicos	9
REVISÃO DE LITERATURA	10
O amor	10
O amor romântico	12
O amor na contemporaneidade	13
Amor e desejo	14
O amor no Brasil e os ventos do século XX	15
Uma história de repressão	16
O tornar-se mulher e amar	18
O caminho para a liberdade	19
Feminismo negro	20
A transformação da intimidade	23
A quem flechar na contemporaneidade?	26
A intimidade na pandemia	28
PERCURSO METODOLÓGICO	29
RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
ESTUDO 1	31
Artigo 1 – A travessia dos processos de separação conjugal na contemporaneidade: experiências femininas	31
RESUMO	31
INTRODUÇÃO	32
METODOLOGIA	38
RESULTADOS	40
DISCUSSÃO	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
ESTUDO 2	57
5.2 Produto técnico: desenlaces contemporâneos – Vozes femininas	57
OBJETIVO	59
MATERIAIS E MÉTODOS	59
DESENVOLVIMENTO	60
RECURSOS NECESSÁRIOS	65

DISCUSSÕES	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76
DISCUSSÕES	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXO A – Termo de autorização de uso de imagem	85

APRESENTAÇÃO

Existem temas que nós escolhemos e outros que nos escolhem. Eu fui marcada pela dor da separação. Eu e todos os humanos, já é sabido. É a experiência de separação do bebê com a mãe que o expõe a uma falta jamais superada completamente e o torna suscetível a reviver, em vários contextos, essa dor.

Minha mãe se separou do meu pai em 1981, aos 35 anos, apenas 20 anos depois da segunda onda do feminismo e dos métodos contraceptivos serem disponibilizados para as mulheres e um ano depois de a Rede Globo transmitir a novela *Malu Mulher*, protagonizada por Regina Duarte que se levantava, ao som da música do Ivan Lins, que dizia: “começar de novo e contar comigo, vai valer a pena ter amanhecido”, cuja personagem, Malu, teve que ir à luta, trabalhar para dar conta de cuidar de si e da filha, assim como fez a minha mãe.

Com bastante esforço, a minha mãe dando aula em três turnos, conseguimos comprar um apartamento para morarmos. Lembro-me de que, durante esse tempo, ela reciclou uma caixinha de madeira em formato de coração e fez um porta-joias. Escreveu com pedras de strass a frase: "estou livre". Cresci olhando para aquela caixa e, em todas as vezes que buscava um brinco, percebia que, apesar do caminho tão difícil, minha mãe nunca olhou para trás. Esse foi um exemplo de coragem para alimentar a minha obstinação necessária e sobreviver a tantas intempéries que a vida me pôs à prova, inclusive o fato de poder concluir um trabalho acadêmico desse porte, durante uma pandemia mundial, que impôs de forma inédita a todos, um severo isolamento social.

Fiz-me adulta, marcada pela experiência feminina dessa mãe liberta, me vi aqui e ali repetindo seus modos de viver e sofrer, inclusive na vivência de uma sequência de separações dolorosas e de desafios de elaboração que me levaram à terapia e ao encontro com a psicologia, caminho escolhido para elaborar muitas perguntas e colher algumas respostas que me trouxeram até este estudo.

Se o tema precisa nos atravessar, esse então me atingiu com uma flecha de Eros, porque o amor é movimento, impulso, para falar dos processos de dor por separação conjugal em mulheres, do fluxo de se enlaçar e se desenlaçar com outros humanos. Este projeto nasce do desejo de entender o que atinge os vínculos conjugais nesses tempos da pós-modernidade, da tecnologia de escolha, em que é muito fácil se conectar, mas se desconectar é mais fácil ainda. Saber o que mudou da época da experiência de dor de amor de minha mãe para cá e o quanto as alterações da sociedade atravessam a nossa forma de sentir essa dor.

“Tempo de viver, compreender e concluir”. Isso, Lacan disse, mas também disse Mônica Daltro: "o maior equívoco do amor é querer encontrar um alguém que tape os buracos da nossa existência". Que todos esses frutos germinem nesta experiência em pesquisa e arte, pois, melhor estímulo que o amor, não há.

Essa dimensão autobiográfica compõe o conjunto de problematizações que apresento para justificar o tema e o objeto de pesquisa. As dimensões bibliográficas escolhidas narram a minha posição como psicóloga-artista-pesquisadora, tanto quanto as inquietações e vontades de saber que me movem a esse tema.

Como justificativa social, os dados sociodemográficos encontrados nos auxiliaram a conversar com a realidade, ela que se ancora no Real e é construída olhando para as mulheres, personagens escolhidas neste estudo para narrar as variações de amar.

Como arcabouço teórico conceitual, apresento discursos apreensíveis pelas ciências humanas e sociais que revelam isso que chamamos de humanidade com conceitos sobre a transformação que vem afetando a intimidade das pessoas. Partindo desse princípio, a proposição da pesquisa encontra justificção acadêmico-científica, já que os modos de amar e sofrer trazem tantos sujeitos à clínica psicoterápica, objeto do programa desse mestrado, no qual mergulhei, intitulado Intervenções em saúde pela Psicologia.

INTRODUÇÃO

Os modos de amar fazem parte da história. Vínculos amorosos são formados, rompidos e redefinidos. Trata-se de um tema abordado pelos artistas, filósofos e psicólogos em diversas formas de manifestação, ao longo da história. Uma mudança radical e veloz dos valores até então vigentes instaura-se, renovando os modos de vida pessoal, social e familiar. O sistema assume então como característica principal uma permanente capacidade de mudança. O mundo – público e privado – entra num processo de constante transformação que afeta diretamente os modos de viver a intimidade.

Como uma das produções subjetivas do capitalismo, o casamento, antes voltado à procriação, assume novos propósitos e objetivos. Precipita-se, nesse contexto, inicialmente a ideia do amor romântico, da paixão sexual e sequencialmente a racionalidade capitalista vai assumindo contornos de controle desses ideais implicando a análise de condição econômica, patrimônios etc. (Araújo, 2002).

A valorização do amor individual, originários da idealização burguesa, abarcam o casamento por amor, com predomínio do erotismo. Essa imposição teve consequências, como as idealizações e os conflitos resultantes da desilusão pelo não atendimento das expectativas (Araújo, 2002).

Os casamentos na modernidade assumiram identidades multifacetárias, marcados por fatores sócio-históricos, em que o machismo fez marca, assim como o capitalismo. Entretanto, as estruturas maritais mais desejadas foram construídas pela arte. O cinema, a literatura, a televisão alimentam a ideia de que um bom casamento agrega o desejo sexual ao amor, valoriza relações igualitárias entre os parceiros, companheirismo e a não obrigatoriedade de procriação (Araújo, 2002).

Hoje, vive-se na perspectiva da pluralidade. Várias formas de relacionamento conjugal convivem com o casamento formal. “Nesse processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher novas configurações das relações amorosas” (Araújo, 2002).

Na atualidade, no campo definido como pós-moderno, muito se discute sobre as novas formas de relacionamento. Com o avanço tecnológico, é muito mais fácil conectar-se com as pessoas, mas a maior atratividade é a facilidade de se desconectar. Esse comportamento advém de uma cultura consumista, que promove a ideia de que os produtos são feitos para uso imediato e originam as “relações de bolso”, que são a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade. A qualidade dá lugar à quantidade e a duração, por sua vez, à rapidez da mudança (Bauman, 2004).

O filósofo contemporâneo Han alerta-nos para a agonia de Eros, que representa o amor. Define o amor como a condição de se descolar para um Outro. Em um momento por demais individualista da sociedade, Eros anda vagando nas ruas sem encontrar lugar. Trata-se de um Eros que tenta ir a Outro que não pode ou “está por demais ocupado em si mesmo, para ser envolvido” (Han, 2017).

Na pós-modernidade, a proximidade virtual tornou-se “a realidade”, um novo fato social. Segundo o clássico conceito de Durkheim (1972), como algo que fixa, que estabelece fora de nós distintas maneiras de atuar e certos julgamentos que não dependem de uma vontade, um desejo particular, algo que demanda ser reconhecido pelo poder de coerção externa. Atualmente, há uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade que marcam todas as espécies de vínculos sociais, fazendo assim, surgir o que Bauman (2004) chamou *Modernidade Líquida*.

Uma sociedade narcisista, simbolizada pelo mito do Narciso, afoga-se na própria imagem. A libido é cada vez mais investida na própria subjetividade. Essa narcisificação

contribui com a erosão do outro, ou seja, um significativo desinteresse de se deslocar por e para alguém. A ampliação da tecnologia de escolha, que possibilita relações por meio dos sites e aplicativos, é outra razão das conexões demasiadamente breves e banais para se condensarem em vínculos (Han, 2017).

As transformações vividas na concepção de intimidade e de casamento passam necessariamente por uma questão de gênero. Nesse contexto, as mulheres vivenciaram um papel de revolucionárias emocionais que fortaleceram, no processo da modernidade, a construção de relações maritais amorosas, sexuais e mais igualitárias. Com isso, a sociedade pode testemunhar o surgimento de outras formas de relacionamento amoroso, seja no contexto heterossexual quanto fora dele (Araújo, 2020). Por meio dessa perspectiva, este estudo ambiciona investigar, na literatura científica recente, as transformações vividas pela mulher contemporânea.

A pandemia mundial do COVID-19 atravessou o processo desta pesquisa e impôs uma mudança de planos no desenvolvimento do produto de sua intervenção. Pela necessidade imposta pelo isolamento social, o texto para um espetáculo teatral pensado inicialmente deu lugar ao programa no ambiente virtual Youtube.

Nesse novo cenário, como veículo de comunicação e para o público-alvo das mulheres contemporâneas, este trabalho ambiciona o desenvolvimento de vídeos com o conteúdo da pesquisa dividido pelas principais linhas de raciocínio que compreendem o tema. Por meio de dez vídeos disponibilizados pela plataforma digital Youtube, acredita-se ser possível abordar o tema e avaliar a sua repercussão, bem como a efetividade dessa nova, potente e necessária ferramenta tecnológica.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Discutir os desafios da experiência de amar enfrentados pela mulher brasileira contemporânea.

Objetivos específicos

1. Conhecer as produções científicas referentes à dor e amor de mulheres, nos últimos 05 anos.
2. Promover uma discussão entre mulheres escolarizadas sobre o lugar do amor na vivência contemporânea, por meio do desenvolvimento de uma série de dez vídeos disponibilizados na plataforma digital Youtube.

REVISÃO DE LITERATURA

Frequentemente sentimos que nos falta muita coisa e parece que quase sempre um outro possui exatamente aquilo que nos falta, atribuímos-lhe tudo o que temos, até mesmo uma certa satisfação ideal. E assim criamos uma felicidade perfeita, uma invenção nossa.

Goethe

O presente estudo deu substância à construção do produto técnico vinculado a esta dissertação, o Canal Desenlaces Contemporâneos, realizado em duas etapas. A primeira está organizada como um artigo de revisão integrativa e compõe um dos resultados desta dissertação, descrito no item 5.1. Essa primeira pesquisa, fundamentou o desenho do produto, a ideia de falar com e para as mulheres sobre os modos de amar e lidar com as dores de amor. No processo de implantação e desenvolvimento do canal, novos estudos precisaram ser realizados e a revisão de literatura, a seguir, foi construída para este fim: analisar novos modos de existir como mulher e, conseqüentemente, novas formas de amar, numa perspectiva que assinala as transformações da intimidade de mulheres brasileiras.

O amor

O amor é um acontecimento que transformou e segue transformando a nossa sensibilidade e, portanto, a nossa existência. Ao percorrer alguns momentos da história no que tange ao tema do amor, encontramos indícios daquilo que repercute em nosso imaginário. Platão, por meio do clássico personagem de Aristófanes em O Banquete, que se passa no ano 416 a.C, deixou um texto antológico sobre o amor.

O texto de Platão conta que, nos tempos antigos, a humanidade era dividida em três gêneros, masculino, feminino e andrógino que eram unidos pelo abdômen. Seu formato era redondo e possuía quatro mãos, quatro pés e uma cabeça com duas faces iguais, cada uma olhando numa direção. Podiam andar eretos, para frente e para trás. Podiam, também, rolar sobre seus quatro braços e quatro pernas, cobrindo grandes distâncias, velozes como um raio de luz. Sua força era extraordinária e, seu poder, imenso, o que os tornou ambiciosos. Quiseram desafiar os deuses e incorreram na hybris, o que era intolerável. Destruí-los seria renunciar à sua adoração e às suas homenagens. Para puni-los, então, Zeus arquitetou um plano para deixá-los mais humildes: cortá-los ao meio e fazê-los andar sobre duas pernas, o que diminuiria sua força e os tornaria mais numerosos. Imediatamente Zeus começou a partir as criaturas em duas

metades. Assim os humanos seguiriam vivendo. Com o tempo, eles esqueceriam o que foram um dia, mas permaneceriam com o desejo de reencontrar a metade da qual tinham sido separados, desejo nunca inteiramente satisfeito, pois, mesmo no ato de amar, em que um se dissolve no outro, permaneceria a saudade daquela unidade jamais recuperada (Eizirik, 2018).

Esse texto marcou a cultura ocidental profundamente com a divisão corpo-alma, mundos dionisíaco e apolíneo. Somente a revolução sexual da metade do século XX conseguiu rachar esse modelo, produzindo mudanças contínuas e cada vez mais velozes que chegaram ao século XXI absorvidas por uma contemporaneidade irremediavelmente afetada pela velocidade e pelo dilúvio da informação, o culto da imagem, a Internet, os sites de relacionamento que atingem o corpo, o erotismo, a busca de prazer e as relações amorosas (Eizirik, 2018).

O filósofo francês Alain Badiou (2013) também cita Platão para definir o amor, afirmando que há, no impulso amoroso, um germen universal. “A experiência amorosa é um impulso para algo que ele vai chamar de ideia” (p. 17). O autor afirma haver no amor a experiência de uma passagem da pura singularidade do acaso para um elemento que possui valor universal. Nesse lugar, “aprendemos que é possível experimentar o mundo a partir da diferença, e não só da identidade” (p.17). Em um mundo em que atualmente é difundida a convicção de que cada um segue apenas o seu próprio interesse, o amor é, segundo o autor, uma contra experiência.

Kuss (2015) afirma que, para Freud, historicamente um amor romântico é o amor que nos humaniza e nos civiliza. O amor e a sua relação com o desejo é um tema que atravessa todos os discursos e corpos.

Sabe-se que um bebê não vive se não for amado por alguém que, na função materna, o acolha e o alimente, o deseje e o insira na linguagem. É a partir do desejo primeiramente da mãe, e depois também do pai, que o aparelho psíquico se estrutura (p.18).

O amor, para Freud, é a reedição de experiências infantis, e, nesse sentido, ele é um reencontro. No entendimento freudiano, o amor é uma tentativa de restabelecimento de um narcisismo que fora perdido e, por esse motivo, ele é narcísico (Kuss, 2015).

Percebe-se então que o amor pode ser entendido como a tentativa de uma resposta ao desejo e que ele tenta preencher a falta. Para Freud, um amor está ligado à possibilidade de encontro com uma satisfação narcísica que, no campo do desejo, é impossível de ser preenchida (Kuss, 2015).

Ao descrever a construção amorosa em seu livro *Elogio ao amor*, Badiou (2013) cita que o amor “sempre se inicia com um encontro” e “trata de uma separação, ou disjunção, que pode ser a simples diferença entre duas pessoas, com suas subjetividades infinitas” (p. 23), o

que nos remete ao conceito freudiano de separação. No entanto, por ser uma construção, não pode se reduzir ao encontro. O enigma, para o filósofo, é a questão da duração pela qual o amor se cumpre. “O amor, é, antes de mais nada, uma construção duradoura. O amor é uma aventura obstinada” (p: 25).

O lado aventureiro é necessário, mas não menos necessária é a obstinação. Desistir diante do primeiro obstáculo, da primeira divergência mais séria, das primeiras dificuldades, não passa de uma desfiguração do amor. O amor verdadeiro é aquele que triunfa de maneira duradoura, às vezes duramente, os obstáculos apresentados pelo espaço, pelo mundo e pelo tempo.

Dessa forma, ao descrever o amor como duração, Badiou (2013) define-o como um procedimento de verdade. É a verdade sobre o Dois, é a verdade da diferença. O amor é a cena de Dois que constitui essa experiência. Faz entender que, todo o amor que aceite a prova, aceite a duração e aceite a experiência do mundo pelo prisma da diferença, produz, à sua maneira, uma nova verdade sobre a diferença. Badiou (2013) afirma que essa é a razão pela qual um amor verdadeiro interessa à humanidade inteira e que as histórias de amor encantam todo o mundo.

O amor romântico

Para entender o percurso histórico do amor na cultura ocidental, é preciso conhecer o amor romântico, resultado do amor cortês, as manifestações produzidas na Europa e as suas repercussões no Brasil. Costa (1998), por meio dos seus estudos sobre o amor romântico, descortina os efeitos desse ideário nas subjetividades. Para Costa (1998, p.218):

o amor era a dobradiça entre o sexual e o político, o privado e o público. De um lado, unia os sujeitos no prazer das sensações e sentimentos eróticos; de outro, os atava ao compromisso com as novas gerações, com as regras de sangue e aliança do parentesco, com a moralidade sexual religiosa, com a educação sentimental do futuro burguês e cidadão democrático etc.(...) O amor, na ideologia romântica, era a sentinela moral que protegia os sujeitos dos seus "instintos vis" e a família da depravação do mundo.

Por meio de personagens que vivem a explosão hormonal da juventude, as obras *Tristão e Isolda* (lenda medieval, sec. XII), *Romeu e Julieta* (SHAKESPEARE) e *os sofrimentos do jovem Werther* (Goethe, 1.774), retratam e legitimam uma desorganização subjetiva e sugerem, pela literatura, que o amor romântico faz o leitor penetrar no universo da sensibilidade romântica.

O amor romântico estabilizou-se como norma de conduta emocional na Europa, respondendo a anseios de autonomia e felicidade pessoais, criativos e enriquecedores. Com o tempo, o cenário mudou. O valor do amor foi hiperinflacionado e, à medida que passava para o privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte de felicidade junto com o sexo e o

consumo, segundo descrito na p.19: "o amor se formou fantasmagoricamente onipotente, onipresente e onisciente. Deixou de ser um meio de acesso à felicidade para tornar-se seu atributo essencial".

Giddens (1993) reforça que o amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual e define que, nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre o do ardor sexual. Del Priore (2005), por sua vez, diz que o amor romântico fundou a ideia de uma união mística entre os amantes. Ele exerce influência no Brasil a partir do século XIX e coincide com a aparição do romance. Ambos os autores têm em comum a forma da narrativa em que duas pessoas são a alma da história.

Até hoje vivemos frutos do ideário do amor romântico. Contrapondo à produção literária e cinematográfica, além das similaridades, há discrepância entre o "amor idealizado", fruto do mito, e as relações concretas entre homens e mulheres (Leite, 2014).

O amor romântico é um sentimento único, tecido com fios diversos, de gêneses diferentes. Por trás de um único "eu te amo" há uma multiplicidade de componentes. Dentre eles destacam-se os mitológicos e imaginários que de modo algum podem ser tomados como mera ilusão, mas, sim, como uma profunda realidade humana. Tais componentes, moldados pelas culturas e sociedades, pouco a pouco se enraízam em nossa corporeidade e em nosso ser mental (Leite, 2014, p 52).

Aprendemos a crer que amar romanticamente é uma tarefa simples. O sentimento do insucesso amoroso é acompanhado por culpa e baixa da autoestima. Poucos são capazes de duvidar da "universalidade e da bondade" desse amor culturalmente oferecido como algo sem o qual nos sentiremos infelizes. Costa (1998) acredita que sem uma crítica à idealização do amor-paixão romântico, temos poucas chances de propor uma vida sexual, sentimental ou amorosa mais livre.

O amor na contemporaneidade

Ao definir a gênese do amor, Han (2017) diz que o Eros move a alma a testemunhar no belo. Dele parte um impulso espiritual. A alma impulsionada por Eros produz coisas e ações belas de valor universal. "O amor é um palco de dois, ele interrompe a perspectiva do um e faz surgir o mundo através da perspectiva do *outro* ou do *diverso*" (p. 78).

Segundo Alan Badiou (2013), o amor na contemporaneidade sofre duas grandes ameaças. Uma seria a busca de um amor sem risco, ofertado pelos sites de relacionamento, onde se escolhe uma parceria na medida. A segunda seria a de um lugar de pouca importância dado ao amor, cujo maior investimento é destinado a realização pessoal. O filósofo ressalta como a leveza do amor é incompatível com a seriedade dos negócios e do sucesso profissional. Segundo

ele, nesse cenário, o amor ocupa um lugar marginal. Segundo a análise de Bacchinni et al. (2017 p.13):

a rapidez do acesso às informações, a demanda por respostas imediatas, a obsolescência dos produtos, a labilidade das interações e a falta de padrões reguladores precisos e duráveis, imprimem sua marca em vários aspectos da existência humana e, como não poderia deixar de ser, nos relacionamentos amorosos. Como se não mais houvesse espaço para o encontro contingente, favorecido por uma poesia existencial.

Amor e desejo

Barthes (2019) traduz como sedução o episódio inicial no discurso do qual o sujeito apaixonado sente-se capturado e encantado pela imagem do objeto amado. Carrega o nome popular: “amor à primeira vista” e o nome sábio: “paixão” (p. 231).

Para entender os desdobramentos dos nossos afetos, o que é construído e o que é natural, é importante diferenciarmos os mecanismos do amor e do desejo. Kuss (2015), por meio da psicanálise, afirma que amor e desejo são diferentes respostas para a falta. O amor se faz cotidiano por ser uma busca de plenitude para o sujeito desejante. O amor, da forma como se entende pelos vestígios do mito apresentado no Banquete, pretende fazer dois virarem um. Contudo, a psicanálise vem atestar que, nos termos do desejo, não há uma possibilidade da completude para o humano, pois o amor não pode eliminar a falta, já que ela faz parte da constituição psíquica. Nesse sentido, tanto Freud quanto Lacan desconstruem o ideal amoroso (Kuss, 2015).

Freud diz que “para intensificar a libido, se requer um obstáculo e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais” (1910/96c p. 193). Esse conceito explica por que as histórias de amores impossíveis nos fisgam de forma tão intensa. Assim como a literatura romântica, a psicanálise fala de amores interditados. A própria história edípica é uma história de amor e desejo pelos pais, que, por ser interditado, é impossível de ser realizado plenamente (Kuss, 2015).

O desejo, como visto, então, nasce de sua impossibilidade. As provas, os obstáculos e as interdições são condições da paixão. O casamento não é mais sagrado, as infidelidades são sucessivas, o resultado é que a permissividade rouba da paixão seu motor mais potente. Na fugacidade das relações amorosas contemporâneas, tudo caminha muito rápido para permitir que o desejo possa amadurecer e invadir a cena erótica (Badinter, 1986; Costa, 1998).

A respeito dessa diferenciação, Alan Badiou (2013) define o desejo como uma força imediata enquanto que o amor, além disso, exige reprises. É por isso que os amantes se apegam às palavras de amor, ditas não apenas uma vez, mas várias e de diferentes modos. É por isso que o amor não se cansa de ser dito e que os amantes não cessam de demandar que ele seja

repetidamente falado. Presentificar o amor, para Badiou, mesmo com toda a instabilidade do desejo, é um convite aos amantes a saírem do narcisismo.

O amor no Brasil e os ventos do século XX

Segundo Del Priore (2005), na obra *História do amor no Brasil* sobre as transformações pelas quais passou a sociedade brasileira, o que se assistiu foi uma longa evolução que partiu da proibição do prazer (marcado por preconceitos, proibições, regras, angústias, casamentos arranjados) até o direito ao prazer. Depois das revoluções da década de 1960, como a revolução homossexual, o movimento hippie e as importantes conquistas femininas, a exemplo da descoberta da pílula anticoncepcional, desde então, o amor e o prazer tornaram-se obrigatórios. "Hoje o interdito inverteu-se. Impôs a ditadura do orgasmo. O erotismo entrou no território da proeza e o prazer tão longamente reprimido tornou-se prioridade absoluta, quase esmagando o casamento e o sentimento" (p. 319).

A história dos amores no Brasil não é só feita de flores, mas, também da dura trajetória de indivíduos que tentaram durante séculos se desembaraçar de preconceitos, proibições e regras, buscando ter um único direito: o de amar. (...) O amor é um tema que nos convida a olhar nossa sociedade por outro ângulo. Aquele que opõe o amor na vida real e o amor idealizado. O primeiro enraizado numa sociedade biológica e culturalmente mestiça, marcada pelo escravismo e por formas patriarcais de dominação. O segundo, baseado na sublimação, capaz de alimentar um imaginário particular sobre o sentimento amoroso que encontramos, sobretudo, na literatura.

Sobre o casamento no Brasil, Del Priore (2005) aponta que, durante mais de quatro séculos, os casamentos não se faziam de acordo com uma atração sexual recíproca, sendo acordados com base em interesses financeiros e familiares. Entre os mais pobres, a ligação consensual era uma forma de organizar o trabalho e a sobrevivência. Entre os casais, testemunhar afeição física era uma raridade. "Casamento bom era casamento racional, ou seja, aquele arranjado pelo pai e que almejava a preservação e perpetuação da riqueza da família" (Del Priore, 2006, p.111).

Para os homens, sempre foi possível manter relações extraconjugais. O amor-paixão fora do casamento alastrava-se entre eles com a sobrevivência de doutrinas morais tradicionais. Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o restante do tempo era com outras (Del Priore, 2006).

A partir de 1850, com a influência do amor romântico nos romances e em outras formas de escrita e leitura, um novo código amoroso se efetuou. A despeito do discurso romântico, o casamento era organizado como uma verdadeira camisa de força social: havia um ativo mercado matrimonial no qual numerosas mulheres brancas, pobres e jovens que não haviam

conseguido casamento numa terra cujo mercado matrimonial era escasso, encontravam no homem mais velho, mesmo casado, o amparo financeiro ou social de que precisavam (del Priore, 2006; Leite, 2014).

Nos anos 1940 e 1950, imposta por novidades de maneira desigual advindas da urbanização, industrialização e êxodo do campo para cidade, ocorreu a diluição das redes tradicionais de sociabilidade, que desencadeou a democratização das relações afetivas. A entrada das mulheres ricas ou pobres no mercado de trabalho alterou de modo definitivo os seus status. Elas foram sendo levadas progressivamente para mais perto dos homens. As consequências imediatas foram observadas nos novos tipos de encontros sociais e namoro, que provocaram mais contato direto entre rapazes e moças. Em todos os meios, fossem eles urbanos ou rurais, o namoro pulava a janela e saía de casa (Del Priore, 2006; Leite, 2014).

Depois de homem e mulher devidamente casados, o desquite era a única alternativa de separação, apesar de não amparar legalmente a contratação de outro matrimônio. Ainda assim, o índice de separação aumentou nas décadas de 1940 a 1960. Esses números já indicavam a revolução sexual que estava por vir, nos anos 1960, favorecida pela pílula anticoncepcional. Os jovens, livres da sífilis e ainda longe da AIDS, podiam experimentar tudo, inclusive o amor (Del Priore, 2006).

A moral sexual flexibilizava-se e parceiros não casados eram aceitos cada vez mais. A sexualidade ainda era vivida como um pecado aos olhos da Igreja, mas um número crescente de católicos começava a acreditar que amor e prazer podiam andar juntos (Del Priore, 2006).

As ideias contidas no amor romântico apontam laços entre a liberdade e a realização pessoal. A modernização e a urbanização do Brasil e com elas a reorganização das atividades cotidianas acrescentara a isso uma reorganização da vida emocional que ajudou a sepultar, progressiva e rapidamente, antigas formas de escolha dos pares e de dizer o amor (Del Priore, 2005).

Uma história de repressão

Federici (2017), no seu minucioso estudo *Calibã e a bruxa*, sobre mulheres, corpo e acumulação primitiva, relata que desde tempos muito antigos (desde que o cristianismo se tornou religião estatal), no século IV, o clero reconheceu o poder que o desejo sexual conferia às mulheres sobre os homens e procurou persistentemente exorcizá-lo, identificando o sagrado com as práticas de evitar as mulheres e o sexo. A casta patriarcal tentou quebrar o poder das

mulheres e de sua atração erótica ao expulsá-las de qualquer momento da liturgia e fazer da sexualidade um objeto de vergonha.

Nesse processo, segundo Federici (2017), a sexualidade recebeu um novo significado, transformando-se num tema de confissão, no qual os detalhes das funções corporais íntimas tornaram-se objeto de discussão. Os aspectos do sexo foram divididos em pensamento, palavra, intenção, vontades involuntárias e nos fatos do sexo para conformar uma “ciência da sexualidade”. Dessa forma, foram criados os penitenciais, manuais que começaram a ser distribuídos a partir do século VII como guias práticos para os confessores. A autora revela como esses trabalhos ilustram a tentativa da Igreja de tentar impor um “catecismo sexual”, prescrevendo as posições permitidas durante o ato sexual (só uma era permitida), os dias em que se podia fazer sexo, com quem era permitido e com quem era proibido.

Tal supervisão sexual aumentou no século XII, quando os concílios de Latrão lançaram uma nova cruzada contra a prática corrente do casamento e do concubinato entre os clérigos e declararam o matrimônio como sacramento cujos votos não podiam ser dissolvidos por nenhum poder temporal. Mais tarde, a Igreja intensificou os seus ataques contra a “sodomia”, aos homossexuais e ao sexo não procriador. Com a adoção dessa legislação repressiva, a sexualidade foi completamente politizada (Federici, 2017).

Os estudos de Foucault (2019) nos mostram que a sexualidade não é um fenômeno natural e sim, ao contrário, profundamente suscetível às influências sociais e culturais, um produto de forças sociais e históricas. É a sociedade e a cultura que designam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou doentias.

A repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade. Segundo Foucault (2019, p. 7):

diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza (...) eram frouxos os códigos da grosseria da obscenidade da decência comparados com os do século XIX. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.

O sexo foi historicamente fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo de tal forma, que o simples fato de mencioná-lo e falar sobre sua repressão significa transgredir. Interdição, censura e negação são formas de exercício de poder. O cerceamento das regras de decência funcionou, por sua vez, como “uma valorização e uma intensificação do discurso indecente” (Foucault, 2019, p. 20). Colocou-se um imperativo: não somente confessar usados contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo um discurso.

A relevância do casamento é discutida por Foucault, que questiona a articulação do papel da aliança, da sexualidade e suas implicações institucionais. Para ele, a produção da sexualidade está ligada a preceitos de poder. Num primeiro momento, ela fez parte de uma técnica de poder centrada na aliança, com um sistema de casamento e transmissão de nomes e bens. A partir daí, fixou-se o dispositivo de sexualidade, agora referido ao próprio corpo e à qualidade dos prazeres.

Nos séculos recentes, essa unidade foi decomposta, dispersada, reduzida a uma explosão de discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral e na crítica política. “A sociedade burguesa do século 19, e sem dúvida, do século 20 ainda é uma sociedade de perversão explosiva e fragmentada” (Foucault, 2019, p.52).

O tornar-se mulher e amar

Simone de Beauvoir, no célebre *O segundo sexo* (2019), define a mulher como uma construção subjetiva. Em suas palavras (Vol. II p.12):

ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

As diferenças biológicas, segundo Beauvoir (2019), desempenham algum papel na construção da inferioridade feminina, mas a importância que se dá a essas diferenças é muito mais determinante para a opressão que as mulheres sofrem. A filósofa nos faz refletir que ser mulher não é somente nascer com um determinado sexo, mas é, realmente, ser classificada de uma forma inferior pela sociedade. É ser educada, desde o nascimento, para ser frágil, passiva, dependente, apagada, delicada, discreta e submissa. Ser mulher não é um dado da natureza, e sim da cultura; é um destino biológico que a define como um ser inferior ao homem. Percebe-se, então, que foi a história da civilização que fabricou a sua situação de submissão e subordinação social.

Beauvoir (2019) analisa os mitos geradores do papel feminino como um outro do homem. Somente a mediação de outro sujeito pode constituir um indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode aprender-se como sexualmente diferenciada. Partindo disso, afirma que a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e por meio do seu olhar.

Segundo Beauvoir (2019), os homens mantêm com as mulheres uma relação de submissão e dominação. A filósofa afirma que essa relação é engendrada na má-fé dos homens que as veem e as querem como um objeto.

Em relação ao amor, para Beauvoir, essa palavra não tem, em absoluto, o mesmo sentido para um e outro sexo, inclusive, segundo ela, isso é uma fonte dos graves mal-entendidos que os separam. “O amor pode ser uma ocupação na vida do homem, ao passo que é a própria vida da mulher” (Beauvoir, 2019, p. 460). Em certos momentos da existência, alguns homens podem ter sido amantes apaixonados, mas nunca abdicam completamente e, ainda que caiam de joelhos diante da amante, o que desejam no fim é possuí-la, anexá-la. Eles permanecem no cerne de sua vida como sujeitos soberanos e a mulher não passa de um valor entre outros que querem integrar em sua existência. “Para a mulher, ao contrário, o amor é uma renúncia total em proveito de um senhor” (Beauvoir, 2019, p. 460).

A psicanálise é um campo de práxis que se interessa e cuida das mulheres. Toda a construção psicanalítica, feita por Freud, parte da escuta das demandas de dor e amor das mulheres no fim do século XIX. Lacan as define como um “caráter escorregadio do feminino” que lhe é próprio, na medida em que não existe um conjunto que as retrate segundo as fórmulas de sexuação. Assim, o que é próprio do feminino é o inapreensível, o inominável que tende ao infinito, daí sua proximidade com o real (Lacan, 1972-1973).

É válido ressaltar a falta que faz para a pesquisa o censo de 2020, que não pôde ser realizado devido à pandemia. Para pôr em análise o perfil da mulher brasileira, tomou-se como recurso o conceito de população de 2010, que são os últimos dados estatísticos disponíveis no Brasil no quesito conjugalidade sobre uniões estáveis, homossexuais e separações. Esse procedimento desenha uma população de mulheres apreensível estatisticamente de vários pontos de vista: etário, econômico e de escolaridade.

Sobre o perfil da mulher brasileira, o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informa que a maior parte da população (51,03%) é composta por mulheres, com faixa etária de 20 a 50 anos, com rendimentos mensais de meio a dois salários-mínimos e casadas. A escolaridade da maioria das mulheres é baixa e, mesmo assim, é maior do que a dos homens.

O caminho para a liberdade

O feminismo foi e continua sendo um movimento fundamental de libertação para quebrar as estruturas do patriarcado, que se trata de mais uma forma de poder. A Marcia Tiburi

(2019) o define como uma geringonça feita de ideias prontas e inquestionáveis e certezas naturalizadas. Segundo ela, o machismo é uma profunda falta de diálogo entre seres singulares que se sustentou na autoridade e no autoritarismo. É um sistema de crenças em que se aceita a superioridade dos homens devido à sua masculinidade.

Tudo o que sabemos sobre as mulheres foi contado primeiramente pelos homens. Demorou para que as mulheres conquistassem o seu lugar de fala, ou seja, o direito de dizer como é. O mito da beleza, segundo Naomi Wolf (2020), gira em torno do poder institucional dos homens. Determina o comportamento, não a aparência. A competição entre mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. Da "domesticidade virtuosa" do século XX passou para a uma "beleza virtuosa" no século XXI, impondo padrões inacessíveis de beleza e juventude que seguem oprimindo-as.

Um bom exemplo da diferença ainda atribuída ao gênero, como consequência do machismo, está na remuneração. Com relação à diferença na remuneração para a geração constituída por homens e mulheres com 55 anos de idade ou mais, 46% delas e 17% deles acham que há diferença de remuneração, conforme mostra a pesquisa Mulheres na Liderança, da HayGroup (2019). Entre os mais jovens, a sensação de desigualdade no ambiente de trabalho é ainda mais latente. De acordo com a consultoria, apenas 33% das mulheres e 8% dos homens com 25 anos ou menos acham que não há desigualdade de remuneração entre os gêneros. Na atualidade, a população feminina representa mais de 49% do mercado de trabalho mundial, enquanto o índice de mulheres em cargos de CEO (Chief Executive Officer) e de diretorias executivas no Brasil chegou a 16% em 2017 (em 2016, o indicador era de 11% e, em 2015, de 5%).

Feminismo negro

Grada Kilomba (2019), intitula de “a ferida” o trecho em seu livro em que nos alerta para o fato de que se, para Beauvoir, a mulher é o outro por não ter reciprocidade do olhar do homem, para a mulher negra é o outro do outro, posição que a coloca no local de mais difícil reciprocidade. “Esse é o trauma do *sujeito negro*; ele jaz exatamente nesse estado de absoluta “Outridade” na relação com o *sujeito branco*” (p.40)

Akotirene (2020) diz que o feminismo negro dialoga com avenidas identitárias do racismo. A interseccionalidade nos permite partir do lugar estruturado pelo racismo, pelo capitalismo e pelo cisheteropatriarcado, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões. Segundo ela (p.43):

a interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou corporativos. Em vez de somar identidades, analisa se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas.

Nos registros sobre a história do amor no Brasil, pouco se sabe sobre as mulheres que não faziam parte do ser mulheres brancas, escolarizadas e de classes sociais abastadas, que serviam como ideal e resultado onipotente na literatura. Segundo Del Priore (2006), as mulheres mestiças, as negras e brancas europeias eram vistas como fáceis, ou seja, “diferentes das mulheres de família com as quais se devia namorar, noivar e casar” (p. 203).

Durante o período colonial, a misoginia racista da sociedade escravocrata brasileira classificava como fáceis as negras e pardas, fossem elas escravas ou forras, às quais os convites para fornicação eram realizados de modo direto e sem melindres" (Leite, 2014, p. 56)

Os relacionamentos eram caracterizados pela paixão amorosa, busca de prazer e pelos códigos que variavam entre grupos sociais ou etnicamente diversos. Até o século XIX, o amor extraconjugal também era marcado pela desigualdade, escravidão e patriarcalismo que trazem vestígios de uma mentalidade de desigualdade profunda entre os sexos (Del Priore, 2006).

As formas de coabitação e formação de família entre pequenos comerciantes, artífices e trabalhadores livres atendiam às exigências da divisão de trabalho. Entre pessoas humildes, aconteciam muitos casamentos e relações de concubinato não arranjadas, o que nos informa que carinho e amor eram requisitos almejados naquelas relações. Nesses tipos de relacionamento, os padrões de moralidade eram mais flexíveis e algumas mulheres permitiam certas brincadeiras amorosas, a ponto de praticarem sexo antes do casamento. Vale ressaltar que, nesse universo, as mulheres não eram tão submissas quanto as senhoras de elite Del Priore, 2006; Leite, 2014).

Sobre as relações inter-raciais entre homens brancos e mulheres afrodescendentes, em distritos inteiros, só são encontrados dois ou três lares constituídos dessa forma. O resto dos habitantes vivia em concubinato com mulheres brancas ou mulatas (Del Priore, 2006).

Kilomba (2019), ao tratar das políticas sexuais referentes às mulheres *negras*, afirma que durante a escravização, elas foram sexualmente exploradas para criar filhas/os. Em seu ensaio *Sexismo e a Experiência das Mulheres Negras Escravizadas*, Bell Hooks (1981, apud Kilomba, 2019) descreve anúncios de venda de escravizadas/os, em que mulheres africanas eram descritas por sua capacidade de procriação. Elas foram classificadas como “procriadoras de escravas/os, mulheres em idade fértil, dentro do período de reprodução, ou velha demais para procriar” (Kilomba, 2019, p.141). “Durante o colonialismo seu trabalho foi usado para

nutrir e prover a casa *branca* enquanto os seus corpos foram usados como uma mamadouras, nos quais as crianças brancas sugavam o leite”. Essa imagem da mulher *negra* como “mãe” vem servindo como um controle de “raça”, gênero e sexualidade (Kilomba, 2019, p. 142). É uma imagem controladora que confina mulheres *negras* à função de serventes maternais, justificando sua subordinação e exploração econômica. A “mãe *negra*” representa a relação ideal de mulheres *negras* com as *brancas* que era tida como amorosa, carinhosa, confiável, obediente e serva dedicada e amada pela família *branca*.

Djamila Ribeiro (2019), no seu livro *Lugar de fala*, diz que é necessário que as mulheres se definam e que, ao entendermos que “todas as pessoas possuem lugar de fala, estamos falando de localização social” (p. 85). Um dos objetivos do feminismo negro, segundo ela, é o de marcar o lugar de fala de quem o propõe para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. Pensando nisso, faz-se necessário incluir o percurso das mulheres negras, indígenas e imigrantes no contexto da história da intimidade no Brasil.

Sobre remuneração, Carneiro (2011) aponta que, quando empregadas, as mulheres negras ganham, em média, metade do que ganham as mulheres brancas e quatro vezes menos do que os homens brancos. Ainda sobre essa diferença, ela afirma:

a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com 10 dobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima: em uma expectativa de vida menor, em 5 anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração (Carneiro, 2011, p. 127).

Faz-se essencial entendermos o percurso das mulheres negras no Brasil para reconhecemos o tamanho preconceito e repararmos esse lugar. Segundo Carreira (2018), a transformação social almejada exige uma disposição para que as pessoas brancas coloquem-se ativamente como aprendizes nessa reconstrução das relações raciais. Enfrentar o desconforto o medo e o desconhecimento, reeducar olhares e escutas, refletir e avaliar suas ações em diálogo com pessoas negras e indígenas para então descobrir tudo que foi perdido ao longo de séculos e atualmente – como seres humanos – ao negar o reconhecimento da dignidade, dos conhecimentos, da história, das culturas e dos valores civilizatórios dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas.

A transformação da intimidade

Eizirik (2018) afirma que, nos séculos XX e XXI, o amor se une à experiência da intimidade, à ideia de singularidade do indivíduo. Enquanto o sujeito moderno concebe-se como sujeito autônomo, o amor vai adquirindo mais importância. Outros fatores como o liberalismo econômico, a urbanização, a ampliação da ação do Estado, o cuidado com a infância e a instalação de políticas de saúde colaboraram com esse processo. Dessa forma, também afetada pela pressão midiática, a intimidade do latim *intimus* (dentro, experiência interior) é cada vez mais apreciada.

Segundo Lins (2017), a exigência de exclusividade surgiu há 5 mil anos, com a propriedade privada – minha, terra, meu rebanho. O homem ficou obcecado pela certeza de paternidade. O casamento, no formato em que conhecemos, é uma invenção burguesa do século XVIII. Dessacralizado, ele vai perdendo a sua força simbólica à medida que aumentava o número dos divórcios e paralelamente sua implicação com o amor vai sendo ambicionada. O divórcio foi regulamentado no Brasil em 1977.

Na primeira década do século XXI, no Brasil, a taxa de divórcio atingiu, em 2010, o seu maior valor: 1,8% (1,8 divórcios para cada 1.000-1.000 pessoas de 20 anos ou mais) desde o início da série histórica das Estatísticas do Registro Civil, em 1984, de 36,8% no número de divórcios em relação a 2009. Quanto à natureza das separações, 71,0% delas foram consensuais. Entre as judiciais não consensuais, 70,5% foram requeridas pela mulher. No caso de divórcios, a consensualidade foi observada para 75,2% das dissoluções concedidas sem recursos. Já entre os não consensuais, houve maior equilíbrio entre os requerentes de 52,2% feitos pelas mulheres.

A análise desses números indica que as mulheres tomam mais a iniciativa de se separar do que os homens, uma informação importante que reflete a emancipação feminina e o seu protagonismo em busca de uma realização emocional.

Para os gregos que idealizavam a beleza do corpo, não existiam dois impulsos diferentes. O que permitia desejar um homem ou uma mulher era o simples apetite sexual que a natureza lhes havia despertado por seres humanos belos de qualquer sexo. No século XX, o pluralismo sexual, ao se desviar do paradigma cartesiano (mentalidade mecanicista, categorização normal/anormal), reinventa o corpo como uma forma de organismo social que abre caminho para a aceitação da diversidade como norma viável da cultura (Lins, 2017).

Aliado a esse processo, a Internet vem modificando nossa concepção de vida privada, espaço privado e espaço público. Observa-se uma erotização da imagem que os sujeitos agora fazem de si mesmos, por meio de emoções compartilhadas, fazendo surgir novas formas de

erotismo e sensualidade. A vida privada passa a ser um objeto de construção de um capital social, colocada diante de poderosos dispositivos, de mecanismos de excitação e incitação do poder. Novos pactos sociais e sexuais são formados com margens mais flexíveis em padrões de conduta, formas de amor, direito ao prazer e liberdade de opções sexuais (Eizirik, 2018).

Houve uma grande mudança na década de 1960 com o advento da pílula anticoncepcional, uma vez que, até então, a mulher era presa pelo risco de engravidar. Essa conquista trouxe grandes mudanças, tais como a revolução feminina e a homossexual e tem permitido o surgimento de outras formas de relacionamento amoroso, tanto no contexto heterossexual quanto fora dele. Vivemos hoje no signo da pluralidade. O casamento formal, heterossexual com fins de constituição da família continua sendo uma referência e um valor importante, mas convive com outras formas de relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem coabitação e as uniões homossexuais. Nesse processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas (Lins, 2017).

Essas perspectivas são identificadas nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). A análise dos dados dos casamentos por estado civil dos cônjuges evidencia a preponderância de casamentos entre indivíduos solteiros. Entretanto, nos últimos dez anos, foi observada uma tendência de declínio constante da proporção de casamentos entre solteiros de 90,1%, em 1997, para 83,9%, em 2007. Por outro lado, as estatísticas mostram que é crescente a proporção de casamentos de indivíduos divorciados com cônjuges solteiros. Os percentuais mais elevados são observados entre homens divorciados que se casaram com mulheres solteiras, quando se compara com mulheres divorciadas que se uniram formalmente a homens solteiros. De 1997 a 2007, esses percentuais passaram de 4,4% para 7,1%, no primeiro caso, e de 1,9% para 3,7%, no segundo. Observou-se, ainda, o aumento de casamentos entre cônjuges divorciados, que cresceu de 1,1%, em 1997, para 2,5%, em 2007, segundo a Associação dos Notários e Registradores do Brasil (ANOREG) 2021.

Outra perspectiva estatística importante é observar que, desde 2011, o Brasil já registrou 127.217 uniões civis entre casais homossexuais, de acordo com dados da ANOREG. Apesar do número expressivo, o país ainda não tem uma lei que regulamente a situação dessas uniões. Entretanto, de acordo com o IBGE, o número de casamentos entre homossexuais vem aumentando a cada ano. Em 2017, foram realizados 5.887 casamentos. Em 2018, houve um aumento de 61% e esse número foi para 9.520. Já em 2019, o número foi de 12.896, demonstrando um crescimento de 35% em relação ao ano anterior.

Com relação aos números da população LGBTQIA+, a análise das respostas de 15.252 entrevistados evidenciou que 44,32% são homens cis, 43,73% são mulheres cis, 6,02% são pessoas não binárias, 2,28% não sabem, 2,15% são homens trans, 1,16% são mulheres trans, 0,22% são travestis e 0,12% identificam-se com outro gênero. Percebe-se que 88,05% de respondentes são pessoas cis, sendo 44,32% homens e 43,73% mulheres, portanto, o perfil majoritário da pesquisa é de pessoas cis conforme o Ministério Público do Estado de São Paulo, 2020.

O crescimento exponencial das uniões homossexuais e da autodeclaração da população LGBTQIA+ indicam uma amplitude da liberdade para legitimar os vínculos da orientação sexual que fogem do padrão heteronormativo.

A análise dos dados indica o número crescente de famílias reconfiguradas, reconstituídas, refletindo também as transformações da intimidade atravessadas pela população brasileira.

Até o século XX, havia uma definição rígida do que era ser homem e ser mulher. Uma pessoa que nasceu com genitais e cromossomos masculinos, mas prefere interagir no mundo como uma mulher (seja por meio de cirurgias e/ou hormônios para avançar nesse objetivo) pertence, dessa maneira, ao gênero feminino. Aquele que ocupa algum lugar entre os extremos do gênero binário são chamados binários, queer ou fluidos. O novo traz uma sexualidade mais fluida para além do binarismo e das polarizações radicais de masculino e feminino. Ney Matogrosso disse recentemente: “nunca quis ser mulher nem ocupar o lugar de mulher. Sou um homem que apenas não respeitou os limites, que tran-sita com liberdade entre uma ponta e outra do espectro” (Lins, 2017).

Em meados do século, a pintora Tarsila do Amaral e a escritora Pagu tornaram-se ícones da abundância de relacionamentos e das condutas desafiadoras. Ambas tinham companhia no movimento que criticava as relações monogâmicas insolúveis e reivindicava o direito de viver um amor livre. Tais temáticas também faziam parte da bandeira de muitos anarquistas que diziam que o divórcio iria facilitar a separação dos casais insatisfeitos e propiciaria a felicidade de ambos viverem o amor livre. Quanto ao amor livre, beneficiaria homens e mulheres por ele permitir a plena manifestação das suas emoções (Del Priore, 2006; Leite, 2014).

As autoras Janet Hardy e Dossie Easton (2019) denominam anarquia relacional o comportamento de valorizar a liberdade acima do comprometimento. Elas afirmam ter chegado o momento das des-construções. A limitação afetiva desenvolveu-se a partir da crença de que somente por meio de uma relação amorosa estável é que nos sentiremos completos e livres da

sensação de desamparo. É necessária uma revisão de conceitos, de condicionamentos culturais e emocionais, para ver as coisas a partir de outro paradigma.

Entre as novas formas de amar, entra em cena (ou sai do armário) o poliamor, que, como o nome já diz, é a possibilidade de envolvimento em relações íntimas e profundas com várias pessoas ao mesmo tempo, no mesmo nível de importância. Já no relacionamento aberto, as pessoas envolvidas têm algum grau de liberdade para ter sexo ou amar pessoas fora do relacionamento. A ideia de uma *ética do amor livre* está na concepção de partir do pressuposto da honestidade em qualquer tipo de relação. Não é o mesmo que infidelidade, que é secreta e sinônimo de desonestidade (Hardy et al., 2019).

As mudanças que vêm acontecendo no amor, no casamento e na sexualidade resultaram em transformações radicais na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos. Esse é o objeto de análise do sociólogo Anthony Giddens (1993). Para o autor, o sexo hoje em dia aparece continuamente no domínio público decorrente de décadas em que ocorreu uma revolução sexual.

A transformação da intimidade passa necessariamente por uma análise de gênero. Os novos estudos nesse campo questionam a ideia predominante na literatura de que os homens têm mais problemas com a intimidade do que as mulheres. As mulheres tiveram um papel de revolucionárias emocionais da modernidade e prepararam o caminho para expansão da intimidade, mas a construção de relações amorosas e sexuais mais democráticas e igualitárias dentro ou fora do casamento é uma conquista de homens e mulheres. Tal conquista tem permitido o surgimento de outras formas de relacionamento amoroso. Vivemos hoje no signo da pluralidade. O casamento formal, heterossexual com fins de constituição da família, continua sendo uma referência e um valor importante, mas convive com outras formas de relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem coabitação e as uniões homossexuais. (Araújo, 2002; Giddens, 1993).

A quem flechar na contemporaneidade?

Han, em seu livro *A agonia de Eros* (2017), afirma que quando o amor é profanado e transformado em sexualidade, um traço universal do Eros retira-se dele. Sexo vira desempenho. *Sexyness* é um capital que precisa ser multiplicado. O corpo, como seu valor expositivo, equipara-se a uma mercadoria. Não se pode amar o outro a quem se privou de sua alteridade, só se poderá consumi-lo.

Partindo dessa premissa, o psicanalista Christian Dunker (2017) afirma que as relações amorosas atuais têm como principal desafio a solidão. Isso porque tal experiência de desamparo cresce a cada geração, sobrepondo-se com intensidade entre os mais jovens, já familiarizados com as dinâmicas virtuais dos ambientes on-line.

Del Priore (2005) aponta que a liberdade amorosa tem contrapartidas, tais como a responsabilidade e a solidão. O resultado é que queremos tudo ao mesmo tempo: o amor, a segurança, a fidelidade, a monogamia e a liberdade. Fundado no que sobrou do amor romântico, o casal está condenado à crise. A liberdade sexual é um fardo para os jovens e muitos deles têm nostalgia da velha linguagem do amor. Em uma sociedade de consumo, o amor está supervalorizado. Segundo a autora, nota-se um grande contraste entre o discurso sobre o amor e a realidade de vida dos amantes.

Para Dunker (2017), a vida está analisada sob a lente do sucesso, pelo vocabulário do empreendedorismo. Os sujeitos não se constituem por si, mas pelos sucessos pessoais em uma lógica competitiva. Tal financeirização da experiência é denominada por ele com você S/A, ou seja, a identidade pessoal é constituída sob códigos do trabalho. O psicanalista questiona: como amar sob essas condições? O amor, segundo ele, é algo que se produz, não algo que se tem. Amar pressupõe trocas ativas de palavras, não uma comunicação virtual por mensagens. A produção amorosa emerge da experiência vivida e compartilhada, já que é nela que se expressa o que somos em nossa totalidade e não numa performance neoliberal.

Nesse sentido, é possível descrever a economia psíquica dos sujeitos modernos como sendo narcísica, a veracidade consumista vem modelando as relações humanas. Tratar sobre o culto narcísico faz-nos refletir sobre a ideia de o sujeito amar-se bastante a ponto de não precisar que ninguém o faça feliz, tempos em que se prefere a solidão a tudo que seja possível barrar a própria liberdade, inclusive o amor. "Em consequência, renunciamos às paixões e preferimos as mornas relações tranquilas" (p.134). Trata-se de uma ética analgésica que nos livra dos riscos de sofrimentos (Badinter, 1986; Costa, 1998).

O sofrimento causado pela frustração de expectativas amorosas onipotentes acaba por imunizar os sujeitos contra o amor-paixão romântico. Espera-se encontrar uma "união perfeita" e, quando nos decepcionamos, voltamos para mimar os nossos eus, fortalecemos nossos egoísmos e tornamos novas ligações ainda mais difíceis. Esse é o preço pago por essa "mutação" emocional. "Estamos divididos entre a vontade de independência e completude e o desejo de fusão ideal" (Badinter, 1986; Costa, 1998).

Já que o amor romântico está ameaçado de perder o que lhe dava vitalidade, os atrativos do sentimento, da privacidade e da formação de identidade, tornam-se então restritos, cada vez

mais, aos episódios de êxtase sentimental e sexual. Resta-nos, portanto, inventar um "neoromantismo" mais comprometido com o mundo e até lá ser humildes quanto ao nosso entusiasmo pelo amor erótico (Costa, 1998).

A intimidade na pandemia

Maria Homem (2020) define seu livro, *Lupa da alma*, como uma metáfora indicando que a pandemia nos forçou a colocar uma lente sobre nós mesmos, em tempos ainda mais conturbados, menos protegidos por uma rotina previsível sobre trabalho, dinheiro, futuro, nossos corpos e projetos. A psicanalista afirma que sentimentos de inquietação e loucura se expandiram e que os deprimidos ficaram ainda mais tristes e ansiosos. Dessa forma, questiona: seria “agudizar” o verbo desses tempos? (p.9).

A angústia se fez mais presente, “mesmo que disfarçada em forma de medo, raiva ou euforia” (p.15). Maria afirma que a pandemia “nos lançou em um abismo, onde o desamparo estrutural nos olhou no fundo do olho” (p.15). Tudo pelo medo de tudo que se pode perder justamente para conter a angústia: “a agenda, o dinheiro, o reconhecimento” (Homem, 2020, p.15).

Sobre o círculo da intimidade, Homem alerta que, com essa lupa, no interior das casas não temos como não esbarrar nos conflitos (explícitos e implícitos) da micropolítica cotidiana, que revela “como anda a interlocução, o sexo, a divisão de tarefas, o jeito de comer ou agredir e tudo o que a partilha de território coloca em cena” (Homem, 2020, p.23).

Pesquisas apontam na maioria dos lares uma diminuição brutal das relações sexuais. O corpo do outro se desveste da aura de fetiche e fantasia que precisaria suportar para que o desejo circule. O outro se desveste das narrativas imaginárias que sustentavam a relação. Os casamentos não estão mais entremeados pela prática livre das curiosamente chamadas relações extraconjugais (que na maioria das vezes têm a exata função de sustentar a conjugalidade). (...) Não à toa, países que tiveram o início da quarentena antes de nós registraram alto recorde no número de divórcios (Homem, 2020, p. 26- 27).

De fato, no período de pandemia, em 2020, o número de divórcios aumentou mais de 50%, segundo levantamento do Colégio Notarial do Brasil (Lacerda, 2021). No Brasil, em 2020, houve um aumento de 177% na procura por escritórios especializados em direito de família e divórcios, comparado com o mesmo período no ano anterior, apresentando um crescente desde o período das medidas de isolamento social. Paralelamente a isso, no mês de abril, houve um aumento de 9.900% nas pesquisas pelo termo: “divórcio on-line gratuito”.

Os aplicativos de encontro tiveram um aumento de uso e esses novos dispositivos revelam algo novo: a busca por ajuda emocional e o aumento de procura por parcerias afetivas

mesmo a distância. Segundo ela, nos autorizamos a querer pessoas, para além dos corpos. Até inventamos um novo termo: *carentena* (Homem, 2020).

Outro fenômeno interessante que ocorreu na pandemia é que muitos que estavam em um início de relação ou ainda não tinha tido a coragem de efetivar um pacto, assim o fizeram, começaram a partilhar a casa, sem grandes cálculos ou procrastinação. Ela conta que durante esse tempo, foi como se essa ameaça pairando no ar nos convidasse a ter coragem do ato, nos liberando do evento ao peso de sua carga simbólica (Homem, 2020).

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo realiza-se em duas etapas, a primeira caracteriza-se com um artigo composto por uma revisão integrativa de literatura, que busca investigar a recente produção científica sobre a temática da dor de separação conjugal em mulheres. Devido à escassez de estudos teóricos sobre o tema, que abordem também uma perspectiva interseccional, como especificidades de mulheres brasileiras e mulheres brasileiras negras, foi realizada uma revisão de literatura. Esses estudos compõem o arcabouço teórico que dá suporte ao desenvolvimento da terceira etapa deste estudo, um produto técnico de natureza psicoeducativa, resultado esperado para a conclusão do Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções de Saúde.

Uma revisão integrativa de literatura é um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto, constituindo, assim, um corpo de conhecimento (Ercole, Melo & Alcoforado, 2014).

Os estudos revelam a falta de uma abordagem inclusiva que dê voz às mulheres em diferentes lugares de fala sobre os processos de dor de amor das mulheres brasileiras e das mulheres brasileiras negras. Nesse intuito, a revisão de literatura visa contemplar essa falta, para dar mais embasamento ao conteúdo do produto técnico de intervenção.

A partir do questionamento sobre a vivência das mulheres nos seus desenlaces e o silenciamento encontrado na pesquisa, desenhou-se a segunda etapa desta dissertação, um canal de comunicação virtual na plataforma digital Youtube, desenvolvido por mulheres para as mulheres.

Ao evidenciar a necessidade de difundir conhecimentos relacionados à temática e dar protagonismo às mulheres escolarizadas, tão cobradas em performar nos diversos papéis, o canal foi desenhado como uma estratégia psicoeducativa. A intervenção psicoeducativa é uma modalidade de trabalho dirigida a um grupo de pessoas que partilham a mesma questão.

Geralmente, configura-se como uma intervenção de curta duração com o objetivo de proporcionar um suporte informativo e emocional. Trata-se de uma ferramenta muito utilizada no âmbito da saúde com perspectiva interdisciplinar, visto que ela é um campo permeado por aspectos comportamentais, emocionais e sociais. Intervenções psicoeducacionais são consideradas importantes para dar suporte e apoio ao cuidado e ao cuidador (Lemes, Ondere & Neto, 2017).

Trata-se de um canal de comunicação que traz conteúdos e reflexões, para que diferentes mulheres possam refletir sobre seus modos de amar. Na impossibilidade de pensar um modelo único de mulheres, o canal teve a participação de mulheres diversas que tinham em comum o fato de serem escolarizadas e vinculadas de alguma forma com a área de saúde. A pergunta que norteia este estudo e seu produto foi saber como as mulheres brasileiras vêm vivenciando o amor e as dores de amor na atualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo estão apresentados em dois formatos distintos, o primeiro é um artigo de revisão integrativa de literatura que aponta para um número limitado de estudos sobre a temática da dor de amor em mulheres contemporâneas. Os resultados estão concordantes com a teoria do filósofo Byung Chill Han (2017), quando ele afirma como Eros e seus deslocamentos na vida cotidiana têm sido negligenciados em decorrência da complexidade que envolve os modos de existir, amar e sofrer na atualidade. A grande maioria de estudos é de origem teórica psicanalítica e consideram o amor e a dor de amor elementos muito frequentes na clínica.

Com esses achados teóricos desenhou-se o canal do Youtube construído de forma a compartilhar os estudos realizados, mas também aberto à escuta da voz de diferentes tipos de mulheres sobre suas vivências de amor, de luto, de elaboração e enfrentamento dessa sociedade e seus imperativos de beleza e juventude, do corpo ideal e da capacidade de multitarefas.

Assim, além do artigo de revisão integrativa, esta dissertação apresenta o processo de elaboração do canal *Desenlaces Contemporâneos* que pretende ser mais uma ferramenta de reflexão ativa, para problematizar e fomentar uma discussão sobre o lugar da mulher, do seu desejo e dos seus modos de sentir o amor e a dor de amor na contemporaneidade.

ESTUDO 1

Artigo 1 – A travessia dos processos de separação conjugal na contemporaneidade: experiências femininas

Going through the process of conjugal splitting in contemporary times from women's experiences

Valéria Figueira Brito¹

Mônica Daltro²

¹Autora principal para correspondência. Mestranda da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Salvador, Bahia, Brasil. valeriacfigueira@gmail.com.

²Docente da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Salvador, Bahia, Brasil. monicadaltro@bahiana.edu.br

RESUMO

A dor de amor faz parte da humanidade. Vínculos amorosos são formados, rompidos e, com frequência, eles provocam dor e sofrimento. A dor advinda desse processo de luto é um tema abordado pelos artistas, filósofos e psicólogos em diversas formas de manifestação ao longo da história. O conceito de modernidade líquida, por meio de teóricos contemporâneos, indica que, com o avanço tecnológico é muito mais fácil conectar-se com as pessoas, mas a maior atratividade é a facilidade de desconectar-se. Esse comportamento advém de uma cultura consumista, que promove a ideia de que os produtos são feitos para uso imediato e originam as “relações de bolso”, que são a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade. A reflexão sobre o tema poderá possibilitar uma nova contextualização das experiências pessoais, relacionando-as com aspectos da contemporaneidade, e sugerir novas estratégias de enfrentamento. Este estudo propõe-se a sintetizar, de maneira ordenada, como os autores contemporâneos conceituam a dor da separação conjugal nessa época de fragilidade dos laços humanos e o que mudou na maneira de sentir a dor de amor na atualidade. Como percurso metodológico, foi realizada uma revisão integrativa de literatura, direcionada para conceitos sobre o amor, a dor de amor e o luto. Foram selecionados os descritores “amor”, “luto”, “divórcio”, “separação” e “mulheres”, nas bases de dados BVS-psi, Lilacs e Pubmed. Os critérios de inclusão adotados são: artigos publicados nos últimos cinco anos (2015-2020), escritos em português, espanhol ou inglês. Foram excluídos os artigos duplicados, artigos pagos e aqueles que não abordaram diretamente o tema da dor de separação. À posteriori, foi realizada uma avaliação dos estudos incluídos, seguida de categorização e apresentação da síntese do corpo do conhecimento produzido sobre o tema.

Palavras-chave: Amor. Intimidade. Dor de amor. Divórcio. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The pain of love is part of humanity. Loving bonds are formed, and they are also broken up, causing pain and suffering. This pain causes a mourning shown by artists, philosophers, and psychologists in many forms of manifestation throughout history. The concept of liquid

modernity, through contemporary theorists, indicates that with technological advances, it is much easier to connect with people. However, the greatest attraction is the easiest way of disconnecting. This behavior comes from a consumerist culture, which promotes the idea that products are made to be used immediately originating “pocket relationships,” which are the embodiment of availability. Reflecting on this topic may enable a new contextualization of personal experiences, relating them to aspects of contemporary times, and suggesting new strategies on how to face this issue. The study aims to synthesize, in an orderly way, how contemporary authors conceptualize the pain of conjugal splitting during the most fragile times of human bonds. As well as the changes in how we feel the pain of love nowadays. As a methodological path, an integrative literature review was carried out, aiming at concepts about love, its pain, and mourning. The descriptors “love”, “mourning”, “divorce”, “separation” and “women” searched in the VHL-psi, Lilacs and Pubmed databases. The inclusion criteria adopted were articles published in the last five years (2015-2020), written in Portuguese, Spanish and English. Duplicated articles paid articles and those that didn’t directly address the issue of separation pain were excluded. Then, an evaluation of the included studies was carried out, followed by a categorization and presentation of the synthesis of the body of knowledge produced on the theme.

Keywords: Love. Intimacy. Pain of love. Divorce. Contemporaneity.

A TRAVESSIA DOS PROCESSOS DE SEPARAÇÃO CONJUGAL NA CONTEMPORANEIDADE: EXPERIÊNCIAS FEMININAS

INTRODUÇÃO

Os vínculos amorosos fazem parte da história da humanidade e, neste texto, eles se dispõem como objeto de análise, apresentado no diálogo entre a história e o mal-estar revelado por Freud e Bauman. A perspectiva da mulher sobre esse tema indica processos de construção e rompimentos de vínculos frequentemente associados às experiências de alegria e vigor, mas também de dor e sofrimento. Vinícius de Moraes, poeta romântico, chega a afirmar a indissociabilidade entre o amor e a dor, atribuída a essa experiência.

*Se o amor pudesse de repente compreender
Toda loucura que um amor pode conter
Se ele pudesse, num momento de razão
Saber ao menos quanto dói uma paixão
Quem sabe o amor, ao descobrir a dor de amar
Partisse embora para nunca mais voltar
Mas me parece que uma prece ia nascer
Na voz daqueles que o amor mais fez sofrer
A lhe dizer que vale mais morrer de dor
Do que viver num paraíso sem amor.*

(Se O Amor Pudesse, Vinícius de Moraes)

As vivências de dor de amor advindas de processos de separação de mulheres é o tema deste estudo, a partir de uma revisão integrativa de literatura, que investiga como o contexto científico vem analisando esse território na atualidade. Trata-se de um texto construído por mulheres que pensam e vivem o amor em sua dimensão filosófico-romântica e se propõem a estudar a temática pela perspectiva científica. Na experiência das autoras, que fundamenta uma hipótese, a dor de amor decorrente de rupturas amorosas segue sendo um dos motivos mais frequentes na busca da psicoterapia.

Segundo os estudos de Guedes e Assunção (2006), de quando se tem acesso à história do amor, da Antiguidade Clássica até a contemporaneidade, o ato de amar foi atravessado por diversos contextos. Inicialmente, os gregos definiam o amor como algo voltado para a sabedoria ou ao reconhecimento do bem, da beleza, para unir-se a uma mulher e formar uma família; era condizente com a *pólis* e a separação só seria efetivada se houvesse evidências contrárias a ela. Passando pela tradição judaico-cristã, ele passa a ser considerado um laço fraterno para garantir a salvação, e a separação do casal só seria aceita com a morte de um dos cônjuges ou o uso de “sensualidades ilegais” (Guedes & Assunção, 2006, p. 419).

O ideário do amor romântico demarca a modernidade e contribuiu para a construção subjetiva do indivíduo dos séculos XVIII e XIX com vestígios que perseguem o nosso imaginário até hoje. Sustentado pela Igreja e seguindo um projeto civilizatório burguês, as pessoas seriam unidas pelo amor individualizado, formando família em um contrato de relação fundamentada na fidelidade (somente para as mulheres), procriação e dever do homem em prover a família. Essa postura traz implicações quando a busca da identidade de si remete à idealização do outro, ou seja, a busca da validação de si no outro. “Institucionalmente, o amor romântico foi associado ao casamento, à maternidade e ao patriarcalismo” (Guedes & Assunção, 2006, p. 404).

Do amor cortês, sabemos pelos registros poéticos dos trovadores, artistas medievais que proclamavam às figuras dessas damas um amor impossível e a elas se sujeitavam em nome dele. Radicais, proclamavam “morrer de amor” pelas idealizadas mulheres, superiores em beleza e reputação. Da poesia que surgia e, ao mesmo tempo, produzia o amor cortês, encontravam-se a sublimação e a expressão do impossível. “Suas ressonâncias são, manifestamente, ainda sensíveis nas relações entre os sexos” (Lacan, 1959-60/1988, p.161; Lhullier & Fayad, 2015).

O tema “Amor” continua sendo bastante tratado na contemporaneidade, principalmente pela psicanálise, quando Freud cita o amor como cerne no processo técnico, a saber na transferência, nos processos de constituição psíquica. Abreu (2019), ao definir o amor, afirma que a necessidade desponta como demanda, algo para além do declarado, alienado aos

significantes do Outro, que seria “aquele capaz de satisfazer as necessidades e que está aquém das necessidades que se pode prover” (Abreu, 2019, p.87). Han (2017), pensador da contemporaneidade, confirma a ideia de que o amor é a condição de se descolar para um Outro. Para ele, a verdadeira essência do amor consiste em renunciar à consciência de si mesmo para se esquecer em outro si mesmo. Ele é, portanto, considerado “uma conclusão absoluta porque pressupõe a morte” (Han, 2017, p. 47). Segundo o autor, “o amor, enquanto evento, enquanto palco de dois, é des-habitualizante e des-narcisizante” (Han, 2017, p.80).

Especialmente pensado pelos românticos, sofrimento e paixão são atributos assumidos como sentimentos e vivências do campo do feminino. Segundo Eva Illouz (2003), o amor se “feminilizou” e vale dizer que os adjetivos do tipo “gentil”, “doce” ou “suave”, com os quais se costuma descrever o amor romântico, são femininos. Han (2017), contrariando esse diagnóstico, diz que, na contemporaneidade, o amor não é mais simplesmente “feminizado”. Ao contrário, no curso de uma positivação generalizada, “ele é domesticado numa fórmula de consumo desprovida de risco e ousadia, sem excesso e delírio” (Han, 2017, p. 40).

Sobre os vínculos conjugais da Antiguidade à Idade Média, as uniões entre casais eram celebradas absolutamente fora da lógica amorosa. Tratadas como um negócio entre famílias, seu objetivo era servir como alicerce para alianças políticas e econômicas e a possibilidade de reprodução compreendida como parte da aliança firmada (Araújo, 2002). Os ritos com a presença do padre passam a acontecer a partir do século IX. O princípio da indissolubilidade do vínculo conjugal acontece nos séculos XI a XII com direitos de competência da Igreja. “O que Deus uniu, o homem não pode separar” atribuído a Mateus (XIX, 6) (Goulart et.al, 1992).

O casamento, no formato em que conhecemos, é uma invenção burguesa que se modifica a partir da resignificação da sexualidade que acontece no século XVIII. À custa de inimizade com a Igreja, o divórcio foi instituído pelos revolucionários na França, em 1792, proibido em 1816 e restabelecido pela República, finalmente, em 1884. Dessacralizado, o casamento vai perdendo a sua força simbólica à medida que aumentava o número dos divórcios e, paralelamente, sua implicação com o amor vai sendo ambicionado (Roudinesco, 2003).

O século XX traz novos significados para a sexualidade, apartando-a da reprodução e ela passa a ter protagonismo no estabelecimento dos vínculos entre casais. O amor, no sentido da consensualidade da escolha da paixão amorosa, permite a emergência do amor confluyente, que, segundo Araújo (2002), seria um modo de amar mais real do que o amor romântico, na medida em que não se pauta em identificações projetivas, idealizações ou fantasias de completude, mas presume igualdade na relação, nas trocas afetivas e no envolvimento

emocional. O casamento enquanto instituição assume que o prazer sexual recíproco é um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento conjugal (Araújo, 2002).

No século XX, essas perspectivas de amor confluyente ampliam-se, flexibilizando a monogamia e abrindo-se para diferentes orientações sexuais, pois a sexualidade passa a ser pensada com maior plasticidade. O relacionamento passa a estar vinculado a um ideal de confiança e intimidade, embora os vínculos comerciais e religiosos não tenham deixado de existir. O que muda é a ideia de relacionamento conjugal como percurso de vida compartilhada. Nesse modelo, a durabilidade não está assumida como certa. Ele pode ser rompido por qualquer uma das partes, pois o compromisso e sua continuidade dependem do nível de satisfação de cada um dos parceiros com exceções feitas a condições excepcionais (Araújo 2002).

Na literatura encontrada, o modelo de amor romântico atrelado à ideia de casamento “confluyente” começa a se fragilizar com a crescente participação da mulher no mercado de trabalho. As lutas femininas por direitos, antes pertencentes apenas aos homens, fragilizam o patriarcalismo e abrem um caminho de resignificação para as mulheres e, conseqüentemente, para o hegemônico modelo binário de amar. Um caminho de muitas lutas vem sendo percorrido pelas mulheres, que alcançaram a autonomia financeira e emocional e ainda lutam pela igualdade de direitos com a possibilidade de relacionar-se sem o compromisso do casamento, de exercer seu erotismo, de assumir uma família monoparental e de vivenciar relacionamentos homoafetivos (Guedes & Assunção, 2006).

A emancipação da mulher, conquistada por meio de uma história de luta dos movimentos feministas, nos últimos 50 anos, é fator transformador da maneira de se relacionar na atualidade. Com direito ao divórcio, aumento da escolaridade, maior entrada no mercado de trabalho, independência financeira e uma progressiva liberdade sexual, a mulher conquistou o direito de se arriscar mais nas escolhas amorosas. Essa foi uma das razões de uma desordem na lógica marital da família nuclear, fundamentada no patriarcado. Embora reconheçamos a multiplicidade de formatos de família, focalizamos aqui como a família nuclear erigida como hegemônica deu lugar à família tentacular, na qual os tentáculos remetem aos polvos, que acolhem diversas possibilidades de membros antes inexistentes. Consolida-se a ideia da não existência de um modelo único de mulher, mas mulheres, singularizadas, diversas, plurais em sua forma de estar no mundo, de amar e de se vincular (Roudinesco, 2003; Kehl, 2013).

Contudo, o contexto discursivo social revela o aumento das taxas de urbanização e dos mecanismos tecnológicos, que favoreceram um “ilhamento” entre os indivíduos, gerando também longos períodos de solidão. Han (2017) afirma que o capitalismo elimina toda a alteridade a fim de submeter tudo ao consumo. Trata-se de uma sociedade cada vez mais

narcisista, na qual o sujeito narcísico não consegue perceber a alteridade do outro. Só encontra significação onde ele consegue reconhecer de algum modo a si mesmo. A libido, investida primordialmente na própria subjetividade, até que se afoga em si mesmo. Abreu (2019) também destaca uma dimensão narcísica em seu texto (simbolizada pelo mito do Narciso, que se afoga na própria imagem), implicada no amor, pois amar é procurar ser amado, fazer com que, mesmo de forma enganosa, ele retorne.

Em um contexto de liquidez, o capitalismo impõe novas formações subjetivas que levam à solidão, ao exercício de eliminação de toda a alteridade, que é uma condição para submeter o outro e, tudo mais, à lógica do consumo. Essa cultura consumista, transforma o amor em objeto a ser consumido e valoriza o produto pronto para uso imediato e o prazer passageiro, relações descartáveis e fluidas. Quando o amor é transformado em sexualidade, o traço universal do Eros retira-se dele. Sexo passa a ser medido pelo desempenho, como um capital que precisa ser multiplicado (Han, 2017).

Bauman (2004), um pensador fundamental da pós-modernidade, discute as novas formas de relacionamento e o que mudou com o avanço tecnológico. Segundo ele, na atualidade, é muito mais fácil conectar-se com as pessoas, mas a maior atratividade é a facilidade de desconectar-se. Esse comportamento advém de uma cultura consumista, que promove a ideia de que os produtos são feitos para uso imediato e originam as “relações de bolso”, que são a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade. A qualidade dá lugar à quantidade e a duração, por sua vez, à rapidez da mudança.

Tais relações de bolso (Bauman, 2004) trouxeram uma transformação da noção de intimidade e delas emerge uma sociedade marcada pelo signo da pluralidade, em que se pode observar a coexistência de várias formas de relacionamento conjugal convivendo com o casamento formal, mas acolhendo novas configurações das relações amorosas.

Freud (1914, citado por Abreu, 2019) disse que, para a mulher, mais importante do que amar é ser amada; que o que uma mulher ama em seu parceiro é o amor que ele tem por ela. Para explicar o modo narcísico de amar das mulheres, Freud recorre à importância do olhar do outro para a constituição do feminino. Faz parte deste estudo investigar se tal premissa discursiva ainda vigora, dadas tantas e plurais mudanças.

No cenário contemporâneo, a libido está cada vez mais investida na própria subjetividade, fator esse que é capturado pela ditadura do desempenho, em que se almeja a melhor performance em todas as áreas. Um exemplo disso é a exposição dos melhores resultados e das melhores fotos para serem “curtidas” e assim se obter destaque nas redes

sociais. Essa narcisificação contribui com a erosão do outro, ou seja, um significativo desinteresse de se deslocar por e para alguém (Bauman, 2004).

Na atualidade, um novo mediador das relações coloca-se como imperativo, a tecnologia, que amplia escolhas, possibilita encontros e relações por meio dos sites e aplicativos, favorecendo conexões demasiadamente breves e banais para se condensarem em vínculos (Han, 2017). Esse modelo de convívio origina o que Bauman (2004) nomeou como “relacionamento puro”, configuração na qual o sujeito entra pelo que pode ganhar, podendo ser rompido a qualquer momento. Ao “fazer o cálculo”, caso avalie que está oferecendo mais do que recebe na relação, retira-se, sem receio algum, com apenas um clique no celular, pois há outras ofertas e novas possibilidades (Bauman, 2004).

Bauman (2004) nos traz o fim da era de compromisso mútuo, por meio do seu conceito de “modernidade líquida”, um processo de individualização tal que gera uma desintegração da trama social, com uma necessidade de isolar-se e romper com todo o vínculo humano, de desolidificar ou liquidificar as relações pessoais. As relações se constroem prioritariamente mediadas pela Internet. Nesse sentido, Bauman refere-se às conexões ao invés de relações, redes ao invés de pares, o que resta da falta de compromisso.

A abundante disponibilidade de experiências alimenta a convicção de que amar é uma habilidade que se pode adquirir, mas, ao que parece, essa suposta habilidade parece ser uma espécie de desaprendizado do amor como se conhece na modernidade, parece exercitar certa incapacidade para amar. Dessa forma, qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a um grande sofrimento (Bauman, 2004; Han, 2017).

O processo de separação pode causar sofrimento psíquico decorrente de sentimentos como falha, culpa e perda da sensação de integridade de si, favorecido pela perda do suporte interno e externo oferecido pela situação do casamento, fato que pode ocasionar desesperança e desamparo. É que um "não te amo mais" ou "devemos nos separar" pode ser algo impossível de ser metabolizado, pois encerra o enigmático que vem do outro (Martinez & Martioli, 2012).

Essa dificuldade em responder ao enigma do outro pode estar relacionada à carência de recursos diante de mensagens de grande carga libidinal, como as de abandono e traição, capazes de provocar grave ferida narcísica, o que explicaria a baixa autoestima, as reações depressivas, os pensamentos suicidas e homicidas de alguns cônjuges depois da separação. Para encerrar essas atitudes destrutivas, sustenta Losso (2003), deve-se realizar a retirada dos investimentos feitos no outro, no casamento, no modelo antigo de estrutura familiar e reinvesti-los de forma mais saudável em novas esperanças, expectativas e relações afetivas (Martínez et. al, 2012).

Com tudo isso, os processos de separação conjugal, seja de um casamento ou de um relacionamento estável, seguem sendo vividos como experiências geradoras de dor e sofrimento frequentemente produtores de tristeza, depressão, angústias intensa, raiva e ressentimentos. Para Freud (1930), a dor da separação constitui-se um processo de luto, portanto, um processo que demanda elaboração psíquica. Para ele, a dor do rompimento do laço amoroso pode promover ao eu o mergulhar no desespero. Ao ser considerado o conceito de narcisismo, o “eu” é objeto de amor para si mesmo. No fenômeno do luto, o trabalho psíquico de elaboração de uma perda constitui-se uma empreitada lenta e dolorosa, que só se conclui quando é possível ao ego desligar-se pulsionalmente do objeto. Trata-se de um célebre conceito do autor que, entre as três ameaças do sofrimento à condição humana, da decadência do nosso corpo, das forças invencíveis do mundo exterior que nos acometem e das relações com os seres humanos, o sofrimento gerado por essa última seja talvez o mais duro (Freud, 1930).

Para Nasio (1997), a verdadeira dor sentida pelos cônjuges no processo de rompimento do vínculo amoroso não se deve à perda do objeto, da pessoa do amado, mas é derivada da desarticulação interna das fantasias criadas em torno do amado, do excesso sem objeto. Ao se separar, o sujeito fica privado do objeto de sua pulsão que, agora livre, transforma-se em angústia.

Quando perdemos quem amamos, perdemos uma fonte de alimento, o objeto de nossas projeções e nossos desejos. Quando essa dor se configura em um luto, depois da sua consumação, o “eu” volta a estar livre, com uma lenta redistribuição da energia psíquica. No entanto, quando há uma predisposição patológica, o ser encerra-se vivo naquilo que se perdeu, no caso, o objeto amado, podendo gerar consequências devastadoras (Nasio, 1997).

Considerando as novas formas de amar e de se vincular da mulher contemporânea, como esses processos de luto têm sido vividos? Que lugar tem sido dado à dor de amor das mulheres na ciência? Quais são as estratégias para elaboração dessa dor? A partir dessas questões, este estudo ambiciona investigar como a literatura científica vem discutindo a temática da dor de amor de mulheres, decorrente de separações conjugais. Busca-se com isso promover uma reflexão sobre as singularidades dessa experiência na contemporaneidade, possibilitar uma nova contextualização das experiências e refletir sobre os desafios da mulher nesse contexto.

METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma revisão integrativa de literatura que investiga o conhecimento científico produzido em torno dos processos de dor de amor em contexto de separação conjugal

de mulheres na atualidade. O método de investigação adotado tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão de maneira sistemática. Ele é denominado revisão integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto, constituindo, assim, um corpo de conhecimento (Ercole, Melo & Alcoforado, 2014).

Essa metodologia compreende seis etapas. Primeiro, é realizada a identificação do tema e da seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa. A pergunta definida foi: “que conhecimento científico sobre as experiências de separação conjugal da mulher tem sido produzido na atualidade?”.

Para a segunda etapa, é necessário estabelecer critérios para inclusão e exclusão de estudos ou busca na literatura. Os critérios de inclusão adotados são: artigos publicados nos últimos cinco anos (2015-2020), escritos em português, espanhol ou inglês com a perspectiva de mapear os estudos mais recentes sobre o tema. Foram excluídos os artigos duplicados, artigos não disponíveis gratuitamente, considerando a posição política das autoras sobre a importância de que o conhecimento científico esteja indiscriminadamente acessível a todos e artigos incompletos que não abordam diretamente o tema da dor de separação.

A partir desse momento, também se definiram os operadores booleanos, ou seja, palavras que visam definir para o sistema de busca como se realizará a combinação entre os termos pesquisados (Oliveira, 2009), os descritores da coleta de dados a partir do recurso de busca do DeCS, disponível nas bases de dados, sendo então escolhidos os termos: amor, love, divórcio, divorce, separação AND conjugal, separación conyugal, luto, grief, mulheres, woman, mujeres, pós AND modernidade, pós-modernidade, contemporaneidade, contemporaneity, tempo contemporâneo e amor AND romântico nas bases de dados BVS-psi, Lilacs e Pubmed.

Na terceira etapa, chamada coleta de dados ou categorização dos estudos, foi realizada a definição das informações extraídas dos estudos selecionados e a sua categorização. O objetivo dessa etapa é organizar e sumarizar as informações (Mendes et al., 2008). No presente estudo, os artigos foram identificados a partir do título, autor e ano de publicação.

Na quarta etapa é realizada a avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa. É o momento no qual são observados e categorizados hierarquicamente cada um dos artigos a partir de níveis de classificação das evidências.

A quinta etapa contempla a discussão e a interpretação dos resultados, fundamentada nos resultados da avaliação crítica dos estudos incluídos, em que é realizada a comparação com o conhecimento teórico, a identificação de conclusões e implicações resultantes da revisão integrativa (Mendes et al., 2008).

Na sexta e última etapa, será realizada a apresentação da revisão integrativa e da síntese do conhecimento que se refere à exposição das evidências encontradas, contemplando as informações de cada artigo consultado de forma sintética e sistemática.

A revisão integrativa inclui informações suficientes que permitam ao leitor avaliar a pertinência dos procedimentos empregados na elaboração da revisão, os aspectos relativos ao tópico abordado e o detalhamento dos estudos incluídos (Mendes et al., 2008).

Com o desenvolvimento do processo, a pergunta foi refinada e buscou-se investigar “como o campo científico tem discutido e analisado as experiências de rompimento de vínculo amoroso para a mulher na atualidade?”

RESULTADOS

No processo de investigação sistematizada, realizado a partir da análise dos resumos, foram encontrados, inicialmente, 65 artigos por meio dos descritores amor: love, divórcio, divorce, separação AND conjugal, separación conyugal, mulheres, woman, mujeres, pós AND modernidade, amor AND romântico e contemporaneidade.

Foram excluídos, no processo de análise, os artigos que versassem sobre outras características do divórcio como sofrimento psíquico dos filhos, artigos referentes ao amor transferencial, patologização do amor, artigos que tratavam do mal-estar da contemporaneidade ou qualquer outro que estivesse desatrelado do foco do estudo e, por fim, os artigos duplicados, resultando em 18 artigos selecionados.

Procedeu-se uma análise do conteúdo dos artigos depois da leitura de todos os textos. Observou-se que a questão rompimento do vínculo amoroso está associada a um conjunto de outras questões. Elas foram descritas a partir da identificação, resultando em quatro categorias de análise, a saber:

O percurso histórico do amor	Influência da contemporaneidade nas maneiras de amar	Modos de amar e se relacionar	Voltados para o feminino
05 artigos	03 artigos	04 artigos	08 artigos
			03 abordam o lugar da mulher na contemporaneidade
			03 relacionam esse lugar às conquistas do feminismo
			02 enfatizam a sexualidade da mulher

Fonte: elaborado pela autora.

Entre os artigos selecionados, foram identificadas apenas seis publicações que tratam do tema dor de amor nos últimos cinco anos, sendo que nenhum sobre mulheres, o que reafirma a necessidade de ampliação e atualização com novos estudos. Os demais textos foram incluídos para dar vazão ao tema no lugar do feminino.

Figura 2 Classificação dos artigos selecionados referentes à dor de amor na contemporaneidade

Nº	Autores/data	Título do artigo	Tipo de estudo	Descritores	Língua	Síntese
1	Abreu, SP. (2019).	Acerca dos arredores da mulher: amor, falo e gozo.	Teórico	Mulher; Falo; Gozo	Português	Trata sobre a mulher, falo e gozo, para dizer do gozo da mulher, do qual ela nada sabe.
2	Almeida T, Lima RD. (2016).	O poder do ex em minha vida: sobre a influência das relações cíclicas no cotidiano das relações amorosas.	Revisão sistemática	Rompimento, Separação, Relacionamentos amorosos cíclicos, Ex-parceiro	Português	Visa entender como relacionamentos passados podem ter influências na vida e na constituição de novos relacionamentos para os indivíduos.
3	Bachinni AM, Vilhena J, Francês I, Novaes JV. (2017).	Desenlaces contemporâneos: um estudo sobre amor e frustração amorosa.	Teórico	Desenlaces contemporâneos: um estudo sobre amor e frustração amorosa, 2017	Português	Problematiza-se o tema do amor a partir da teoria psicanalítica para, em seguida, pensar nos possíveis lugares do desenlace, manifestos pelo sujeito contemporâneo.
4	Barbieri CB. (2015).	Se o amor vale a pena, a que pena equivale o amor?	Teórico	Amor; Ódio; Gozo; Pena; Sacrifício; Lei.	Português	Questiona qual a pena que se paga pelo amor? Haveria mesmo uma pena decorrente do amar? A lei do amor institui uma perda para o humano, na medida em que implica a interdição de um gozo.
5	Barrientos, MG, Napolitano, S. (2016).	El sueño amoroso y sus lógicas de guerra. Notas psicoanalíticas sobre el amor, el deseo y el odio.	Ensaio crítico	Amor; Ódio; Desejo; Feminismo; Psicanálise	Espanhol	Faz a interseção psicanálise e feminismo – o artigo aborda especificamente a desconstrução do mito da complementaridade romântica que instala os membros de um casal como as duas metades de um único corpo. O artigo desenvolve a ideia de amor romântico como o mais bem-sucedido paliativo ao medo humano da solidão, e ao mesmo tempo, como uma forma negável de alienação.
6	Birman, J. (2018).	Sexualidade na contemporaneidade.	Teórico	Feminismo, Homossexualismo, Transexualismo	Português	A intenção deste ensaio é problematizar as novas formas de práticas sexuais e suas relações com as modalidades de subjetivação na contemporaneidade, enfatizando as mudanças produzidas pelos movimentos feminista, homossexual e transexual.
7	Bonavitta, P. (2015).	El amor em los tempos de Tinder.	Teórico	Amor; Vida líquida; Redes sociais	Espanhol	Trata sobre como as novas tecnologias modificaram as formas de se comunicar e de amar. Os vínculos são formados através de uma tela e tidos como efêmeros, líquidos e superfluos, que parte de uma sociedade de consumo.
8	Brunhari MV, Moretto LT. (2015).	O suicídio amoroso: uma proposição metapsicológica.	Vinheta de caso clínico	Suicídio. Psicanálise. Amor. Melancolia.	Português	Analisa a escuta de orientação psicanalítica àquele que relata uma tentativa de suicídio e a remete à ruptura de um relacionamento amoroso, o que permite uma reflexão que sustente que a quebra do vínculo amoroso é recusada de tal forma que a precipitação suicida nisso se insira, a fim de manter algo que não pode ser perdido.
9	Eizirik, M. (2018).	Amor, um pássaro rebelde.	Teórico	Amor, Corpo, Tempo, Intimidade, Contemporaneidade	Português	Aborda tópicos que atravessaram o amor ao longo da história, através de textos antológicos, para ilustrar como em cada época o amor tem uma paisagem, um cenário, formas de amar e ser amado.
10	Fontenelle AS, (2016).	Os amores de Frida Kahlo.	Teórico	Amor; Arte; Feminilidade; Psicanálise	Português	Pretende abordar o lugar do feminino na clínica contemporânea e os seus embaraços na realização da vida amorosa. Orienta a discussão a partir da vida de Frida Kahlo, uma vez que a arte produzida por ela se encontra fundada em acontecimentos de sua vida, acontecimentos de corpo e dor que, se articulam na constituição da sua feminilidade.
11	Gallo JIE. (2015).	Um amor mais digno.	Teórico	Amor; Digno, Cura; Passe; Testemunho; Efeitos teranêuticos e Éticos	Português	O artigo resulta dos efeitos que uma análise teve para os sujeitos no campo do amor, com efeitos de cura diante do dispositivo do passe.
12	Galvão, JA, Alencar, HM, Dettmann, AA. (2017).	Perspectivas futuras sobre os relacionamentos amorosos de mulheres de duas diferentes gerações.	Estudo qualitativo	Jovens mulheres, Relacionamento amoroso, Casamento, Amor, Família	Português	Investiga as perspectivas de mulheres sobre o futuro das relações amorosas em geral. Entrevista com 15 mulheres entre 20 e 30 anos, casadas, sem filhos e da classe média. Resultados indicaram que haverá uma diversidade de formas de relacionamento amoroso como a coabitação, o casamento formal e as uniões homossexuais. Indicam também a fragilidade dos vínculos, a ênfase na igualdade entre os sexos, a persistência no casamento e a inexistência do casamento formal.
13	Kehl, MR. (2015).	A mínima diferença.	Entrevista		Português	Trata sobre a procura de pacientes para falar sobre relações amorosas na clínica.
14	Kuss, ASS. (2016).	Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan.	Teórico	Amor; Feminilidade; Feminino; Humanos; Mulheres; Mães; Psicanálise; Saúde da Mulher	Português	Tem como propósito fazer algumas articulações entre o pensamento freudiano e a teoria lacaniana no que se refere à relação da feminilidade com o amor.
15	Lhullier, LA, Fayad, DC. (2015).	À flor da pele: posições femininas de dizer o amor.	Teórico	Amor; Poesia; Amor cortês; Feminino; Chico Buarque de Holanda.	Português	Busca demarcar algumas posições femininas no amor a partir das canções de Chico Buarque de Holanda, sobretudo quanto às formas em que a mulher e o feminino se afiguram nesses versos.
16	Pinho MX. (2016).	A morte da amada: Do luto romântico ou da morte como um bom encontro.	Teórico	Luto, Romantismo, Luto romântico, Psicanálise	Português	Investiga o que se passa nos lutos apaixonados e duradouros, baseado na literatura de Freud e Lacan.
17	Santorio, VC. (2016).	Sexualidade feminina, um enigma a ser decifrado.	Teórico	Feminino, Masculino, Modalidades de gozo, Gozo fático, Gozo do Outro, Apelo ao amor. Amor "mais digno".	Português	A partir da indagação de Freud "O que quer uma mulher?", Lacan contribui para decifrar a posição de feminino na sexuação e a coloca como um enigma a ser decifrado. Questiona como cada sujeito feminino lida com essa participação.
18	Ventriglio, A, Bhugra, D. (2018).	Sexuality in the 21st Century: Sexual Fluidity.	Teórico	Sexual behavior, Sexuality	Inglês	Objetiva destacar a sexualidade como um componente vital da vida humana. O comportamento sexual depende da saúde mental e as orientações sexuais podem ser afetadas por censura religiosa ou crenças políticas. A sexologia moderna introduz o conceito de identidade de gênero e fluidez sexual como variáveis e flexíveis.

Fonte: elaborado pela autora.

Sobre o idioma das publicações encontradas, observa-se que 83% são de língua portuguesa, 11% de língua espanhola e 0,05% de língua inglesa, o que revela a disposição da ciência no Brasil em discutir as relações afetivas.

Com relação ao delineamento dos artigos, 0,05% são qualitativos, 0,05% entrevista, 0,05% vinheta de caso clínico e 83% são estudos teóricos. Não foram encontrados estudos de pesquisa robusta sobre o tema, além do campo da psicanálise.

A predominância da autoria (75%) é feminina, o que sinaliza o lugar de fala e a conquista do espaço das mulheres no campo científico sobre o assunto. As mulheres lançam-se no campo da pesquisa para ocupar esse lugar, até pouco tempo também dominado pelos homens e revela mulheres buscando entender de mulheres, as suas peculiaridades, as origens e os danos do machismo em sua subjetividade.

DISCUSSÃO

Na análise do conjunto dos textos, 14 deles, ou seja, 78% dos textos encontrados, contemplam a psicanálise como referencial teórico, um campo de práxis que, pode-se afirmar, interessa-se e cuida das mulheres e de seus discursos sobre o amor e a dor de amor. Toda a construção psicanalítica, feita por Freud, parte da escuta das narrativas de mulheres sobre dores, amores e desamores, no fim do século XIX. A psicanálise nasceu no romantismo, atrelada à ideia de que sofrer faz crescer e o amor figura como amálgama que viabiliza o discurso social, o que quer dizer que o amor é tomado como uma invenção necessária diante da condição humana de desamparo (Bacchinni et al., 2017).

Dos 18 textos selecionados, três deles detêm-se a definir o amor na concepção psicanalítica lacaniana. Em seu *O seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961/2010), Lacan afirma que, para amar, a aceitação da condição de “não todo” é necessária, ou seja, implica admitir a castração como algo que possibilita o enlaçamento à lei do Outro. O lugar do amor situa-se a partir do encontro sempre faltoso do sujeito com o Outro, na ilusão apaziguadora da completude perdida, na busca incansável da satisfação e num profundo anseio de seu retorno sob o signo do desejo.

Foram identificados na categoria Rompimento de Vínculo Amoroso apenas seis artigos, todos de natureza teórica, entre eles uma revisão sistemática e cinco estudos psicanalíticos. Os textos discutem de forma majoritária as estratégias de enfrentamento e a elaboração dos sentimentos decorrentes da ruptura do relacionamento amoroso.

Entre os 18 textos, podemos dizer que todos tratam sobre o tema amor, em diversas perspectivas. A maioria dos autores iniciam seus estudos conceituando o amor e a sua importância. Barbieri (2015) afirma que o amor é considerado por alguns pensadores como a lei fundante da civilização, ele interdita o ódio, a agressão e a destruição, tornando possível a convivência entre humanos.

O amor desperta encanto, se trata de construção sobre o que o mundo é a partir de dois instintos e não de um, é disjunção, e não se trata de identidade. Portanto assume a forma contingente do encontro de duas diferenças. Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes (Abreu, 2019, p.88).

Quanto aos textos que tratam exclusivamente do tema amor para as mulheres, foram encontrados apenas nove, ou seja, 50% do total. Em três deles trata-se sobre o feminino na psicanálise e, por meio dela, definem o amor. Das diferentes posições femininas de dizer no amor, depreendem-se, tanto o caráter faltoso da mulher referida à ordem fálica quanto o inapreensível que escapa a essa ordem (Lhulier & Fayad, 2015, p. 192).

O percurso histórico do amor foi delineado em cinco textos e, em quatro deles, é feita uma associação sobre o surgimento do amor romântico e a sua influência nas relações amorosas até os dias atuais. “O amor cortês, resultado e produtor do amor romântico, é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência de relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo” (Lacan, 1972-73/1985, citado por Lhulier & Fayad., 2015, p. 193).

Mesmo com o passar de tantos anos, o romantismo ainda permeia o nosso entorno social, seja por meio de músicas, filmes e produções artísticas, em suas mais variadas formas. Ele é um aspecto ainda muito presente no psiquismo de muitas pessoas. Antes mesmo de o romantismo anunciar-se como um ideal para os relacionamentos, a ideia da alma gêmea, enquanto um mecanismo idealístico e platônico, ao tratar de uma pessoa que nos completaria em todos os sentidos, alimenta essa busca irrealista e incessante (Almeida & Lima, 2016).

O romantismo amoroso citado aparece nos textos como uma invenção cultural europeia. Ao instalar-se o capitalismo, com a Revolução Industrial e a necessidade de se organizar as forças produtivas, funda-se a família, marcada pelo núcleo doméstico e de domesticação com dominação e encerramento da sexualidade e do sexo, contenção e até expulsão do desejo. “A sexualidade é então encerrada, muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala” (Foucault, 1988, citado por Eizirik, 2018, p. 9).

Aliado a essa restrição e subordinação, é notável um apagamento da figura da mulher no percurso histórico. Segundo Lacan (1959-60), o amor romântico é marcado por privação, isolamento e o esvaziamento de substância real da dama, que é apresentada, portanto, com

caracteres despersonalizados de tal forma que autores puderam notar que todos parecem dirigir-se à mesma pessoa (Lacan, 1959-60/1997, p. 186).

O casamento centrado no vínculo conjugal surgiu no romantismo. Ao proclamar o afeto, a amizade e o companheirismo, ele se configuraria como refúgio dentro de um mundo competitivo e individualista (Costa, 1999).

Os padrões de conduta pautavam-se na lógica da desigualdade entre os sexos. O homem poderia gozar livremente da sua sexualidade e a mulher deveria manter-se virgem até o casamento. A sociedade atribuía às mulheres, com base na crença da natureza feminina, os papéis de mãe, esposa dedicada e submissa ao marido. No fim do século XX, elas passaram a não aceitar sofrer nos casamentos, recorrendo ao divórcio (Del Priore, 2014).

A fim de justificar os vestígios remanescentes do amor romântico, é válido lembrar que, em seu berço histórico, o amor foi embalado por renúncias, devaneios, nostálgicas lembranças e esperanças no futuro. Ele nasceu na “Era dos sentimentos” e hoje estamos na “Era das sensações”, sem memória e sem história (Costa, 1999, p.21). Nesse sentido, o amor contemporâneo possui uma dupla-face: de um lado a saudade do que ainda há de sentimento e, do outro, a paixão crescente pelo vazio das sensações (Bacchinni et al., 2017).

Dos resultados desta pesquisa, três artigos tratam da influência da contemporaneidade nas maneiras de amar. Com o advento do mundo virtual e a revolução tecnológica, o amor, o romance e a paixão transitam para outros cenários. Conforme afirmado anteriormente, Bauman (2004) define o amor líquido, do qual emerge o imediatismo e as emoções vão para um segundo plano. É um amor mais individualista, que preza pelo desejo sexual, sensual, erótico, de satisfazer já, aqui e agora, sem necessidade de projetar para o futuro nem de desnudar a alma e as emoções (Bonavitta, 2015). Bacchinni et al. (2017, p. 13) são congruentes ao conceito de Bauman (2004) sobre as “relações de bolso”, ao afirmarem:

a rapidez do acesso às informações, a demanda por respostas imediatas, a obsolescência dos produtos, a labilidade das interações e a falta de padrões reguladores precisos e duráveis, imprimem sua marca em vários aspectos da experiência humana, e como não poderia deixar de ser, nos relacionamentos amorosos (Bacchinni et al., 2017, p. 13).

As questões contemporâneas apresentam a discussão sobre o enfrentamento dos processos de separação localizados nos discursos da chamada “sociedade de consumo”. Um discurso que, segundo o autor, insiste em alocar o amor unicamente no conjunto de uma relação objetual esvaziada de sentido. Perspectiva congruente com Han (2017) afirma que o capitalismo elimina toda a alteridade a fim de submeter tudo ao consumo. O amor na contemporaneidade sofre duas ameaças: uma é a busca de um amor sem risco, aquele ofertado pelos aplicativos de

relacionamento, pelo qual se interage com a parceira certa e na medida – da cor dos olhos ao signo astrológico; a segunda seria o lugar de pouca importância dado ao amor face às exigências da mentalidade econômica, cujo maior investimento é destinado à realização pessoal. Nesse cenário, o amor ocupa um lugar marginal (Han, 2017; Bacchinni et al., 2017).

Os novos corpos são ansiosos, excitados, incitados a consumir constantemente, corpos que querem sempre algo novo, experiências extremas que antes eram malvistas. As redes virtuais são um fenômeno social muito amplo, que atravessa a nossa cultura e dá forma a novos modos de amar e estar no mundo. Seleciono no menu a cara mais bonita, o corpo mais chamativo e a idade mais jovem, para que tudo se encaixe nos padrões culturais. A partir dali, meto-me a satisfazer meu voraz desejo de conquista. No marco de uma vida líquida, o amor torna-se instantâneo e fugaz (Bonavitta, 2015).

Fica evidente que o sujeito contemporâneo, a partir de uma ilusória oferta mercadológica, vê-se impelido a financiar sua própria felicidade. Resta buscar doses cada vez maiores em novos objetos. Bacchinni et al. (2017) questionam se estaríamos assistindo a uma substituição da realização de desejos pela satisfação com objetos?

Por um lado, o amor tem sido utilizado como objeto a ser consumido, de maneira quase adicta. Por outro, os sujeitos faltantes em análise, insistem num apelo romântico resumido na sentença: “eu preciso amar e ser amado”. Verifica-se a ilusão narcísica pela via da completude, aliada ao imaginário cultural de que o amor salvaguardaria o sujeito dos males da existência (Bacchinni et al., 2017).

Apesar desse panorama, Bauman (2004) também assegura que existe uma desesperada necessidade de interconectar-se em definitivo e é isso que estimula a exibição da vida privada nas redes sociais. Essa partilha de intimidades é uma consequência da modernidade líquida, como afirma Gallo (2015):

o drama do amor faz parte da tragicomédia de todos os seres falantes e é quase uma constante na maioria dos pacientes que chegam a um analista, ao qual demandam um saber sobre o seu padecimento na espera de uma solução para o infortúnio. (...) Na minha clínica, quase cem por cento dos analisantes decidiram ir à análise motivados pela precariedade e pelos contratemplos que o fenômeno do amor lhes ocasiona (Gallo, 2015, p.11).

No tocante à perspectiva das autoras sobre o fato de a dor de amor, decorrente de rupturas amorosas, ser um dos motivos mais frequentes na busca da psicoterapia, foi encontrado em consonância com Maria Rita Kehl (2015), que afirma:

as mulheres continuam procurando a psicanálise para falar da sexualidade e ressonâncias, mas o que se diz já não é a mesma coisa. “O que devo fazer para ser amada e desejada?”, perguntam as mulheres, com algum ressentimento: não era de se esperar que o amor se tornasse tão difícil já nos primeiros degraus do paraíso da emancipação sexual feminina (Kehl, 2015, p. 2).

A flexibilização da monogamia e a diversidade de orientações sexuais aparecem como um importante impulsionador de mudanças nas relações amorosas. Por meio da pesquisa com mulheres de duas diferentes gerações, Galvão, Alencar e Alves (2017) indicam que haverá diversas formas de relacionamento amoroso como a coabitação, o casamento formal e as uniões homossexuais. Eizirik (2018) também aborda essa questão.

As sociedades ocidentais tiveram as pautas do amor alteradas por novas variáveis como feminismo, homossexualidade, transgênero, AIDS, longevidade, casamentos tardios e mães solteiras, cirurgia plástica, moda, diminuição dos índices de nascimento, publicidade e desemprego. Em outras palavras, em parte alguma o amor existe no vazio. “Deve-se enfrentar-se constantemente com novos problemas, liberdades e expectativas” (Eizirik, 2018, p.222-223).

Dos nove textos voltados para o feminino, três abordam o lugar da mulher na contemporaneidade e três relacionam esse lugar às conquistas do feminismo branco ocidental. Nos anos 50 e 60 do século XX, a primeira irrupção do movimento feminista buscou a igualdade de direitos e das condições de vida entre homens e mulheres. Originado do movimento sufragista, por meio do qual as mulheres conquistaram direito ao voto, em 1927, muitas lutas foram necessárias para que a condição feminina não se restringisse à maternidade. Com a descoberta da pílula anticoncepcional, em 1960, as mulheres conquistam um grande passo em dispor o seu corpo para o exercício do seu erotismo e do seu desejo. O gesto de Betty Friedan de queimar o sutiã no espaço público, em 1968, marcou simbolicamente o movimento de apropriação da mulher pelo seu corpo, afirmando o seio como objeto erótico e não só um objeto “sacro” da amamentação. Depois desse período, houve uma transformação no lugar do feminino na direção de exercer livremente a sua sexualidade fora da condição restrita do matrimônio. Em decorrência disso, o casamento passou a ser desconstruído progressivamente, substituído por formas mais flexíveis de laços conjugais, pelos quais os parceiros sustentam desejos sexuais e projetos existenciais (Birman, 2018).

Kehl (2015), ao se referir à Nora, personagem de Ibsen (1879) que abandona a *Casa de bonecas* ao descobrir que sua “alienação” era condição de felicidade conjugal, afirma:

o avanço das Noras do século XX sobre espaços tradicionalmente masculinos, as novas identificações (mesmo que de traços secundários) feitas pelas mulheres em relação a atributos que até então caracterizavam os homens, não são meros disfarces: são aquisições que tornaram a(s) identidade(s) feminina(s) mais rica(s) e mais complexa(s). O que teve, é claro, seu preço em intolerância e desentendimento – de parte a parte (Kehl, 2015, p.3).

Esse processo ocasionou uma mudança sobre o pudor, uma vez que o corpo das mulheres passa a ser exibido em espaços públicos, não mais restrito ao ambiente familiar, aos laços de casamento e à maternidade. Assim evidencia-se um ato de empoderamento

conquistado pelas mulheres sobre seus corpos e seus desejos, rompendo definitivamente com a servidão à figura do homem e da criança (Birman, 2018).

A re-apropriação do corpo feminino implicou a exploração de todas as ordens interiorizadas do domínio masculino, que ditavam uma visão de mundo na qual elas eram julgadas e controladas, mas o amor continuou ocupando um lugar. De acordo com Gonzalez-Barrientos e Napolitano (2016) a respeito da relação de dependência das mulheres com a busca do amor, nem a liberdade, a autonomia e os direitos conquistados podem ter feito cambaleiar a promessa de complementaridade e satisfação vital da união conjugal.

No conjunto dos textos, o amor romântico está referido direta ou indiretamente apresentado como referência, e o amante compreendido como sujeito da falta. Os artigos discutem as estratégias de enfrentamento a partir da lógica da produção de sintomas: baixo nível de satisfação, ressentimentos com relação aos parceiros; consumismo, luto, suicídio. Essa análise coloca a vivência de ruptura como um fenômeno clínico que confirma a hipótese das autoras e está em acordo com as afirmações de Kehl, que atesta ser essa uma das mais importantes questões que levam as pessoas, especialmente as mulheres, à psicoterapia.

Kehl (2015) afirma que, mesmo com a mudança dos comportamentos sexuais na sociedade de consumo, não houve grandes avanços no que diz respeito às demandas dos analisantes naquilo que permeia a sexualidade. As mulheres apresentam-se insatisfeitas numa relação em que o homem já não suporta a riqueza das possibilidades identificatórias femininas.

Em uma conotação limitada pela abordagem heterossexual, constrói-se o discurso que é próprio do feminino, fazer-se amar pelo homem, narciso ferido eternamente em busca de restauração. Ela diz sobre mulheres que já não sabem se fazer amar, homens que já não amam como antigamente. Como se pedissem aos psicanalistas: “o que faço para (voltar a) ser mulher?” (Kehl, 2015). A psicanalista relata, a partir da experiência na clínica.

As insígnias da feminilidade se modificaram, se confundiram. A intensa movimentação das tropas femininas nos últimos 30 anos parece ter deslocado os significantes do masculino e do feminino a tal ponto que vemos caber aos homens o papel de narcisos frígidos e às mulheres o de desejantes sempre insatisfeitas (Kehl, 2015, p.2).

Santoro (2016) trata sobre essa aspiração feminina ao amor. Segundo a autora, a parte excluída da constituição psíquica das mulheres gera o apelo de dizer do amor. Não quer dizer que ela seja mais amorosa, e sim mais apelativa ao amor. Trata-se de uma espécie de necessidade subjetiva que vai além do que é próprio a todos os sujeitos. “O que se espera do apelo ao amor é reduzir a exclusão, inserindo a mulher no laço social, no discurso do amor” (Santoro, 2016, p.4).

Galvão et al. (2017) verificaram em sua pesquisa que, embora haja uma diversidade de modelos de relações amorosas no contemporâneo, pautada na fragilidade dos vínculos, ainda existe a busca pelo amor e pelo casamento tradicional. Bacchinni et al. (2017) traz o questionamento sobre a constituição subjetiva das mulheres.

Há que se questionar o que ainda é preservado nos dias atuais de toda essa educação romântica, pois se tem como hipótese a noção de que o amor/paixão se apresenta como um fator sensível na constituição subjetiva dessas mulheres, que investem grande energia na tentativa de obedecer a tais ditames ideais (Bacchinni et al., 2017, p. 6).

Dos textos encontrados, dois tratam exclusivamente da sexualidade da mulher. Kuss (2016) afirma que a sexualidade feminina não se identifica com ela mesma. No estudo da teoria lacaniana, encontramos o aforisma “a mulher não existe” (1972/73), o que sinaliza que, no inconsciente, a diferença sexual não é possível de ser simbolizada.

É importante separar amor de sexualidade e validar o lugar da mulher no mesmo patamar de desejo que o homem. Os humanos são seres sexuais. A sexualidade é um princípio vital de cada um e inclui muita energia e expectativas de intimidade. Os contextos sociais e culturais exercem uma significativa influência na ligação de cada indivíduo com a sua sexualidade. De acordo com Freud (1931, citado por Ventriglio & Bhugra, 2018), a sexualidade é o centro da personalidade humana.

As idealizações referentes ao ideal amoroso têm referência às linguagens do amor, como aquele que nos ofereceria a possibilidade de alcançar a plenitude. Do ideal sexual faz referência à sexualidade, idealiza-se o outro como fonte de prazer erótico (Bacchinni et al. 2017, p.5).

Do total de artigos pesquisados, seis tratam do tema dor de separação. Segundo Casado, Venegas, Páez e Fernández (2001), mesmo por meio de decisões conscientes, por não considerarem as suas relações prazerosas ou por outros motivos, o rompimento dos seus relacionamentos afetivo-sexuais pode causar grande mobilização emocional nas pessoas envolvidas. O rompimento de um vínculo amoroso implica a aceitação do fim de um projeto a dois e a dissolução da identidade do casal, que também traz sentimentos de fracasso, baixa autoestima e dúvidas quanto à capacidade de amar e de ser amado (Almeida & Lima, 2016).

O amor, segundo Barbieri (2015), nunca é verdadeiramente incondicional nem gratuito como seria desejável. Então podemos concluir que amar é difícil e é um sacrifício. “Amar é dar o que não se tem”, frase que ilustra que o amor denuncia que há algo que nos falta, expondo a nossa incompletude e fragilidade.

Fontenelle (2016) nos chama a atenção para perceber a presença de Thanatos sob Eros, ou da pulsão de morte sobre a libido. Lacan (1972-1973/1985, citado por Lhullier & Fayad, 2015, p.62) aborda essa ambivalência como *hainamoration*, um encontro do amor e ódio

(*haine*), um *amórdio*. Isso quer dizer que, ao não ser possível ter o objeto de desejo, demanda-se mais.

Kuss (2016) questiona o sofrimento por amor das mulheres, mesmo com a conquista da ascensão social. Segundo a autora, são chefes de família, independentes, executivas bem-sucedidas, homossexuais, heterossexuais, bissexuais e, ainda, histéricas, ou seja, ainda mantêm uma determinada forma de sofrer que implica o inconsciente. A autora diz que o amor pode convocar uma mulher a reviver suas relações mais primitivas e acordá-la para um estado de devastação, pois o amor poderá despertar uma mulher para viver o ilimitado que lhe habita.

No cenário de análise das formas de sofrer feminina, que implica assumir uma posição subjetiva frente à falta, emerge a dimensão dos processos de luto, de produção de sintomas depressivos, tão frequentes na atualidade. Brunhari e Moreto (2015) dedicam-se a levantar o conceito de luto em Freud para o qual uma perda é sempre uma perda na vida pulsional. Exemplifica, a propósito da perda na paixão, que o investimento é tão impetuoso que uma pessoa apaixonada “parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetual” (Freud, 1917/1996, citado por Brunhari e Moreto, 2015, p.83). O apaixonado representa o auge da libido objetual, em contrapartida ao esvaziamento do eu, que se precipita numa experiência de perda do objeto de amor (Brunhari & Moreto., 2015).

A disposição patológica para a dor de amor pode chegar ao extremo. Em seu trabalho clínico com pessoas que relatam tentativas de suicídio e remetem a sua causalidade ao rompimento de uma relação amorosa, Brunhari & Moreto (2015) afirmam que a queda do vínculo amoroso pode ser recusada pelo sujeito de tal forma que se insere a precipitação suicida, a fim de manter algo que não pode ser perdido. Segundo os autores, o amor descrito nesses relacionamentos muitas vezes é comparado à intoxicação e à dependência química, uma recusa que se refere a algo da ordem do insuportável.

A vida sexual ou as expressões amorosas da mulher compõem um tema que não permite um encerramento. Sigamos o conselho de Freud (1933/1996, p. 180): “se desejarem saber mais sobre a feminilidade, [...] dirijam-se aos poetas [...]”. Tudo que é possível saber sobre o amor e sua história limita-se aos seus registros e narrativas – dos mitos aos poemas, da filosofia ao teatro (Lhullier & Fayad, 2015).

Um dos textos selecionados na pesquisa relaciona a dor de amor à arte, por meio das canções de Chico Buarque, e traz a devastação e a perda pulsional atreladas, tal como na música “Atrás da porta” (1976), pela qual é possível ouvir o excesso pelo lado da devastação – termo que descreve os efeitos da decepção amorosa da mulher em relação ao homem, este que é para ela “uma aflição pior que um sintoma, a saber, uma devastação” (Lacan, 1975-76/2007, p. 98).

Quando olhaste bem nos olhos meus
E o teu olhar era de adeus
Juro que não acreditei
Eu te estranhei
Me debrucei
Sobre teu corpo e duvidei
E me arrastei e te arranhei
E me agarrei nos teus cabelos...

(Atrás da porta – Chico Buarque)

Para os autores de referência desse estudo como Bauman e Han, as manifestações de frustração e dor de amor na atualidade aparecem veladas devido ao desenraizamento cultural, em que o ideal da liberdade constitui-se um movimento de massa para a individualidade, apontando a sociedade narcisista que desloca as estruturas de vínculo. Construído na modernidade romântica, descrita por Freud, que envolve o recalque, o luto, a lógica discursiva da histeria migra para uma lógica volátil, narcísica, mediada por tecnologias digitais e por possibilidade de descartes rápidos. Bacchinni et al. (2017) questionam se, numa sociedade de desempenho e busca de sucesso, existiria insucesso maior do que se declarar enlutado de amor numa cultura que valoriza sobremaneira o individualismo e o caráter fluido das relações objetais, conclui então estar “fora de moda”.

Um texto da pesquisa trouxe considerações importantes sobre o processo de análise para a dor da separação conjugal. Segundo Gallo (2015), a análise produz uma cura de amor, ou melhor, a cura produzida pelo término de uma análise produz consequências sobre o amor. Essa é a tese de Lacan (1973^a/2003, p.315). “A análise não cura o sintoma, e sim transforma-o até o ponto de endurecê-lo em sua face real, tem para o amor a tarefa de dignificá-lo e não de erradicá-lo.” O ato de esmiuçar os conceitos estudados sobre o tema neste trabalho pretende somar a essa tarefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessária uma disposição amorosa para nos debruçarmos sobre o vínculo e suas vicissitudes contemporâneas. Inspirado na obstinação de Eros, este texto mergulhou nas concepções sobre o amor e a dor de amar, em suas significações, percursos e nas suas representações.

Sobre o lugar da dor de amor na contemporaneidade, é válido questionar: quais as possibilidades de desenlace amoroso do sujeito contemporâneo numa sociedade fixada na imagem? Essa elaboração psíquica ainda é possível quando o amor ganha o estatuto de um objeto consumível e, portanto, descartável?

Na análise do material encontrado, o amor demanda deslocamentos, um sair de si, por isso, para alguns, se faz *démodé* investir no outro em uma contemporaneidade ensimesmada e imediatista. Acresce a isso o fato de que os processos de luto e reflexão vêm sendo atropelados por uma sociedade de consumo, desempenho e narcisismo. Por isso, pode ser que em um futuro não distante, apareçam nos receituários para promoção de saúde mental orientações como: “três meses de apaixonamento em doses diárias” ou “práticas regulares de profundo interesse pelo seu parceiro”, sem contraindicações, porque é possível que até a dor de amor, atribuída como seu revés, se faça bem-vinda na necessidade de humanizar-se.

Neste estudo, as categorias de análise são indicativas de que o modo de viver uma cultura produz, continuamente, plurais maneiras de amar. E os movimentos feministas são importantes protagonistas desse processo de transformação e ressignificação dos modos de amar e manejar as dores de amor das mulheres.

O número limitado de estudos sobre a temática da dor de amor em mulheres indica como Eros e seus deslocamentos na vida cotidiana têm sido negligenciados pela ciência, voltada a exaltar os sintomas apartados da complexidade que envolve os modos de existir, amar e sofrer. Isso nos faz pensar na importância de produzir pesquisas empíricas que deem voz às mulheres para que elas possam teorizar sobre seus processos de luto e sua elaboração das dores de amor, assim como o enfrentamento dessa sociedade e seus imperativos de beleza e juventude, do corpo ideal e da mulher multitarefas.

A ausência de um dado é também um dado em pesquisa. Foi perceptível a falta de abordagem do tema de separação conjugal na perspectiva de mulheres múltiplas em diferentes lugares de fala, como da mulher negra, a mulher transexual, a mulher gorda, ou mulheres de diferentes idades, classes sociais e escolaridades. Essa perspectiva centrada em uma única mulher vai de encontro ao feminismo que propõe a valorização da singularidade, para que seja ultrapassado esse estado injusto das mulheres em suas especificidades, bem como às demais minorias políticas.

A análise dos artigos encontrados confirma que a histerização das formas de sofrer feminina mantém seu enraizamento na clínica psicanalítica onde a questão – O que quer uma mulher? Coloca-se como estruturante? O que nos permite questionar como elas têm encarado esse processo de elaboração psíquica? Sozinhas, sem encontrar um lugar para a dor de amor na contemporaneidade? As mulheres, tão cobradas por uma postura emancipada e performática parecem que só encontram espaço de acolhimento e voz sobre suas dores e modos de resistir e elaborar no silencioso consultório terapêutico.

Não há como traduzir tantas experiências de dor de amor nesse inesgotável universo do feminino, muito menos indicar uma única forma de atravessá-lo. O que se indica para a sua elaboração, por meio do caso a caso, é entender que o luto é inerente a todas as pessoas, sendo necessária a vivência desse período e a busca de aspectos positivos e negativos da experiência. A partir da vivência saudável do luto é esperado que seja possível estabelecer novos laços e que outros objetos de amor sejam escolhidos.

Os textos encontrados contornam um ser-de-mulheres muito exigidas em performar no campo da força, do sucesso e dos padrões de beleza, que seguem desejanter, trazendo consigo reminiscências de uma educação romântica, mas agora falando de um outro lugar, para um outro mundo, apropriadas do próprio corpo e com possibilidades de escolha de empoderamento. Se o amor ainda se apresenta como um fator sensível na constituição subjetiva dessas mulheres, muito há de se valer do papel da análise nos processos de elaboração psíquica e na constituição desse lugar na arte de amar, pois, pelo que parece, elas desejam, de várias maneiras, avançar em suas conquistas e seguir amando.

REFERÊNCIAS

- Abreu, S.P. (2019). Acerca dos arredores da mulher: amor, falo e gozo. *Reverso*, 41(77), 87-93. Recuperado em 19 de maio de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Araújo, M.F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>.
- Bacchinni A.M, Vilhena Francês I, & Novaes J.V. (2017). *Desenlaces contemporâneos: um estudo sobre amor e frustração amorosa*. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/316441711_DESENLACES_CONTEMPORANEOS_UM_ESTUDO_SOBRE_AMOR_E_FRUSTRACAO_AMOROSA.
- Barbieri, C.P. (2015). Se o amor vale a pena, a que pena equivale o amor? *Estudos de Psicanálise*, (44), 37-42. Recuperado em 12 de abril de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (2018). Sexualidade na contemporaneidade. *Cadernos de Psicanálise (Rio de Janeiro)*, 40(38), 137-159. Recuperado em 16 de maio de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000100009&lng=pt&tlng=pt.

- Bonavitta, P. (2015). El amor en los tiempos de Tinder. *Cultura y representaciones sociales*, 10(19), 197-210. Recuperado en 12 de abril de 2020, de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-81102015000200009&lng=es&tlng=es.
- Brunhari, M.V. & Moretto, M.L.T. (2015). O suicídio amoroso: uma proposição metapsicológica. *Psicologia em Revista*, 21(1), 108-125. <https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P108>.
- Casado, E., Venegas, M., Páez D., & Fernández I. (2001). Factores psicosociales en la separación de pareja. *Akados*, 3(2), 7-35. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/286929758_FACTORES_PSICOSOCIOCULTURALES_EN_LA_SEPARACION_DE_PAREJA.
- Costa, J.F. (1999) *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Del Priore, M. (2014). *Histórias e conversas de mulher: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. São Paulo: Planeta.
- Eizirik, M.F. (2018). Amor, um pássaro rebelde. *Revista de Psicanálise*. 25(1). <https://doi.org/10.5281/sppa%20revista.v25il.354>.
- Ercolê F.F., Melo L.S., & Alcoforado C.L.G.C. (2014). Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Rev. Enfermagem UFMG*. 18(1), 13-14. Recuperado de <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/904>.
- Fontenelle A.S. (2016). Os amores de Frida Kahlo. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. 11(21), 88-101. Rio de Janeiro. Recuperado de http://www.isepol.com/asephallus/numero_21/pdf/8-Os_amores_de_Frida_Kahlo.pdf.
- Freud, S. (1996). Feminilidade. In: Stacey, J. (Ed.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol.22)*. Rio de Janeiro: Imago, (Originalmente publicado em 1933).
- Freud, S. *O mal-estar na civilização* (1930). São Paulo: Companhia das letras: 2010.
- Gallo, J.I.E. (2015). Um amor mais digno. *Stills (Rio de Janeiro)*, (31), 11-16. Recuperado em 12 de abril de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Galvão, J.A, Alencar, H.M. & Alves, A.D. (2017). Perspectivas futuras sobre os relacionamentos amorosos de mulheres de duas diferentes gerações. *Pensando famílias*, 21(2), 89-104. Recuperado em 19 de maio de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200008&lng=es&tlng=pt.
- Gonzalez-Barrientos, M. & Napolitano, S. (2016). El sueño amoroso y sus lógicas de guerra. Notas psicoanalíticas sobre el amor, el deseo y el odio. *Psicología Clínica*, 28(3), 93-116. Recuperado em 16 de maio de 2020, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000300006&lng=pt&tlng=es.

- Goulart, H., & Bastos, S. (1992). *Amor e sexualidade no Ocidente*. Porto Alegre: L&P.
- Guedes, D. & Assunção, L. (2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?) *Revista Mal-estar e Subjetividade*. 4(2), 396-425. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/271/27117044005.pdf>.
- Han, B.C. (2017). *Agonia de Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Illouz, E. (2003). *Der konsum der romantik – Liebe und die kulturellen widerspruche des kapitalismus*. Campus Verlag: Frankfurt.
- Kehl, M.R. (2013). Em defesa da família tentacular. *Fronteiras do Pensamento*. Recuperado de <https://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>.
- Kehl, M.R. (2015). A mínima diferença. *Blog da Boitempo*. Recuperado de <https://blogdaboitempo.com.br/2015/03/02/maria-rita-kehl-a-minima-diferenca/>.
- Kuss, A.S.S. (2016). Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan. *PSICOLOGIA ARGUMENTO*. 34(86), 243-255. Recuperado de <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?ddl=16432&dd99=view&dd98=pb>.
- Lacan, J. (1973). Nota italiana *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- Lacan, J. (1988;1997). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1986).
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1960-1961).
- Lhullier, L.A. & Fayad, D.C. (2015). À flor da pele: posições femininas de dizer o amor. *Revista Subjetividades*, 15(2), 191-200. Recuperado em 25 de setembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000200003&lng=pt&tlng=pt.
- Almeida, T., & Lima, R. D. (2016). O poder do ex em minha vida: sobre a influência das relações cíclicas no cotidiano das relações amorosas. *Pensando famílias*, 20(2), 99-114. Recuperado em 12 de abril de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Losso, R. (2003). Divorce terminable and interminable: A psychoanalytic and interdisciplinary approach. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 5(3), 321-334. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/226798134_Divorce_Terminable_and_Interterminable_A_Psychoanalytic_and_Interdisciplinary_Approach/citation/download.
- Martínez, V.C.V. & Matioli, A.S. (2012). Enfim sós: um estudo psicanalítico do divórcio. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 12(1-2), 205-242. Recuperado em 19 de maio de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100008&lng=pt&tlng=pt.

- Mendes, K.D.S., Silveira, R.C.C.P., & Galvão, C.M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.
- Nasio, J.D. (1997). *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Oliveira, M. (2009). Operadores booleanos. *Sistema de Bibliotecas – PUC-Rio*. Rio de Janeiro (RJ). Recuperado de <http://www.dbd.puc-rio.br/wordpress/?p=116>.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santoro, V.C. (2016). Sexualidade feminina: um enigma a ser decifrado. *Reverso*, 38(72), 67-72. Recuperado em 19 de maio de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Ventriglio A, & Bhugra D. (2018). Sexuality in the 21st Century: sexual fluidity. *East Asian Arch Psychiatry*. 29(1), 30-34. Recuperado de <https://www.easap.asia/index.php/find-issues/current-issue/item/834-1903-v29n1-p30>.
- Wolf, N. (2020). *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.

ESTUDO 2

5.2 Produto técnica: desenlaces contemporâneos – Vozes femininas

*Que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a nossa liberdade seja a nossa própria substância.
Simone de Beauvoir*

É necessária uma disposição amorosa para nos debruçarmos sobre o vínculo e suas variabilidades contemporâneas. A perspectiva da mulher sobre esse tema indica que processos de construção e rompimentos de vínculos são frequentemente associados às experiências de alegria e vigor, mas também de dor e sofrimento. Inspirada na obstinação de Eros, a pesquisa que deu origem a esse projeto, intitulada “Enlaces e desenlaces: os desafios enfrentados pelas mulheres para amar na contemporaneidade” mergulhou nas concepções sobre o amor e a dor de amar, em suas significações, percursos e nas suas representações.

Esse projeto é parte de um trabalho final de conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde. Com vista a fundamentar sua construção, realizou-se uma revisão integrativa de literatura, em que foram selecionados 18 artigos publicados nos últimos cinco anos que versavam sobre o percurso histórico do amor, a influência da contemporaneidade nas maneiras de amar, os modos de amar e se relacionar, o lugar da mulher na contemporaneidade, a relação entre esse lugar, as conquistas do feminismo e a sexualidade da mulher. Apesar do número considerável de artigos, uma escassez de estudos sobre o tema específico relacionado ao sofrimento pela separação conjugal foi identificada pelas autoras. Trata-se de um indicativo de como Eros e seus deslocamentos na vida cotidiana têm sido negligenciados pela ciência, voltada a exaltar os sintomas apartados da complexidade que envolve os modos de existir, amar e sofrer.

O resultado deste estudo evidenciou a necessidade de difundir conhecimentos e dar protagonismo à temática por meio da produção de canais de comunicação que deem voz e acesso às mulheres para que elas possam refletir sobre seus processos de luto e elaboração das dores de amor, assim como o enfrentamento dos modos de sofrer e operar o sofrimento da sociedade e seus imperativos de beleza e juventude, do corpo ideal e da mulher multitarefas.

Foi notória a ausência da abordagem do tema de separação conjugal na perspectiva de mulheres múltiplas, em diferentes lugares de fala, na pesquisa. Este produto visa reparar essa

falta, incluindo em sua programação mulheres diversas, quanto à idade, orientação sexual, raça e classe social e, dessa forma, promover a democracia que pauta o feminismo.

A revisão integrativa de literatura e a revisão de literatura realizadas deram suporte para fundamentar a atividade, bem como nortearam as diretrizes que orientaram o desenvolvimento deste programa.

As análises teóricas decorrentes da revisão integrativa circunscrevem a necessidade de intervenção a partir da seguinte formulação: como as mulheres vêm sentindo a dor das separações conjugais? Como cuidam ou cuidaram desse luto? Como a psicologia tem pensado e manejado essas experiências, considerando o empoderamento da mulher e os discursos feministas contemporâneos? Como as mulheres têm encarado esse processo de elaboração psíquica, sozinhas, sem encontrar um lugar para a dor de amor na contemporaneidade?

A psicanálise nasceu do interesse freudiano sobre o que as mulheres teriam a dizer, e a feminilidade apresenta-se como um tema que leva os psicanalistas ao trabalho. Notícias científicas e midiáticas articulam as mulheres ao sofrimento psíquico, são elas que procuram os psicanalistas (Kuss, 2016).

A literatura que serve de ancoramento para este projeto escreve muitos desafios aos quais as mulheres estão expostas, multitarefas, cobradas por uma postura emancipada e performática, parecem só encontrar espaço de acolhimento e voz sobre suas dores e seus modos de resistir e elaborar no silencioso consultório terapêutico.

A partir do questionamento sobre a vivência das mulheres nos seus desenlaces e do silenciamento encontrado na pesquisa, optou-se pelo desenvolvimento de um canal de comunicação virtual na plataforma digital Youtube, desenvolvido por mulheres para as mulheres.

Com o crescente acesso da população a diferentes tipos de serviços virtuais, a Internet passou a fazer parte da rotina de milhares de brasileiros. Considerando esse panorama, fica evidente que o efeito da tecnologia no comportamento humano já é uma realidade da qual a psicologia enquanto profissão vem se aproximando ao oferecer serviços psicológicos on-line, ou seja, ao usar a tecnologia como instrumento de trabalho, ampliando as suas possibilidades nesse novo mercado (Lemos, 2016).

O cenário de um consultório psicológico serviu como inspiração para a ambiência deste projeto, como um poderoso lugar de escuta, dessa vez, interceptado pela tecnologia. O referencial teórico utilizado é a tecnologia como mediação para um produto de natureza psicoeducativa. Pensando em experiências contemporâneas e em como a informação pode ser

mais bem difundida, foi idealizado um canal virtual que constituísse esse espaço de fala e reflexão.

O objetivo deste trabalho é promover a reflexão sobre o lugar do luto no processo de desenlaces de vínculos amoroso, por meio da difusão do conhecimento originado pela pesquisa, em uma ferramenta acessível a todos, já que os consultórios psicológicos infelizmente ainda são inacessíveis para a maioria das mulheres.

Espera-se que o uso de tal técnica permita acessar mulheres de territórios, classes sociais, etnias e orientações sexuais diferentes, em todo o território brasileiro e, a partir dessa diversidade, enriqueça a discussão e a percepção sobre o tema.

Para as mulheres, será importante assistir a esse canal, para acessar um conteúdo que poderá ancorar reflexões e resgatar sentimentos sobre autoimagem, autocuidado, autoavaliação e autoestima, cumprindo assim uma função psicoeducativa.

Acredita-se que o material será bastante acessado, pela qualidade do conteúdo e da sua produção, realizado pelas pesquisadoras e por profissionais da área de psicologia, que encontraram e acrescentaram referências para o desenvolvimento de estudos sobre a temática.

OBJETIVO

Desenvolver um canal do Youtube com o objetivo de promover reflexões sobre os modos de amar de mulheres contemporâneas brasileiras escolarizadas e disseminar conhecimento teórico sobre a temática.

MATERIAIS E MÉTODOS

Entre uma pergunta de pesquisa e uma resposta bibliográfica nasceu o desenho de produto técnico voltado para dar voz a mulheres contemporâneas, ancoradas pela psicologia e pela psicanálise sobre suas experiências de desenlace amoroso. Esse projeto desenha um canal de comunicação na plataforma digital Youtube.

A Internet causou um impacto na sociedade. O acesso às informações tem-se tornado cada vez mais amplo, afetando o ritmo das transformações culturais. O Youtube está presente em um momento de transição da cultura no que diz respeito ao uso das mídias. As várias práticas constituídas nesse ambiente virtual evidenciam como a sociedade tem estabelecido novas relações com a aprendizagem (Moura & Freitas, 2018). Considerada uma potente ferramenta de comunicação, disponível gratuitamente a todos que tenham acesso à Internet, esse veículo torna disponível o conteúdo da pesquisa a um número ilimitado de mulheres.

O canal contempla um programa com 10 episódios com a duração de aproximadamente 30 minutos cada, gravados a cada 15 dias, disponíveis na plataforma do Youtube da pesquisadora, os quais são divulgados por meio das suas redes sociais e daquelas que foram criadas para o programa.

O público-alvo é de mulheres escolarizadas de todas as idades, de nível médio e superior, de classe média e diferentes lugares de fala: a mulher negra, a mulher gorda, a mulher trans com orientações sexuais diversas.

Os temas foram escolhidos a partir dos resultados encontrados na pesquisa, separados por eixos, numa sequência de raciocínio e contou com a participação da psicóloga pesquisadora e alguns convidados da área de saúde e psicologia.

Os roteiros foram elaborados pela pesquisadora, baseados na pesquisa, porém adaptados para uma linguagem informal, acessível, que pudesse sustentar a atenção dos telespectadores na plataforma digital.

Os programas foram gravados mediante autorização dos convidados pelo uso da imagem, de acordo com o código de conduta para esses fins (ANEXO A). Para as gravações, foram providenciadas todas as medidas de higienização e distanciamento social estabelecidas pelo Ministério da Saúde do Brasil no combate à Covid-19.

Foi solicitado às espectadoras que comentassem o conteúdo por meio do chat na plataforma do Youtube e da rede social no Instagram @desenlaces.contemporaneos, desenvolvida exclusivamente para atender ao programa. Os expectadores participaram com perguntas, comentários e sugestões. Esses posicionamentos serviram de material para a análise dos resultados, bem como a quantidade de acessos.

Foram utilizadas leituras e algumas manifestações artísticas, como músicas e poesias, com o devido pagamento dos direitos autorais.

Para a sua realização, todo o desenho do programa foi alinhado com a orientadora e a equipe responsável, consultando normas dos direitos de todos os envolvidos.

DESENVOLVIMENTO

No mundo contemporâneo e tecnológico, os psicólogos precisam aprender a integrar vários espaços de forma equilibrada e inovadora. Ou seja, esses profissionais são demandados a construir novos contextos formativos, mediados pela linguagem digital (Stoque et al., 2016).

A programação foi pensada para o público de mulheres escolarizadas que se interessa em entender melhor as mulheres. Foram usados elementos simples e uma linguagem acessível para alcançar o maior número possível de espectadores.

As convidadas foram mulheres que estudam o assunto e que pertencem a um lugar de fala de acordo com o tema abordado, para enriquecer a experiência. Os temas foram escolhidos de acordo com os resultados da pesquisa, divididos de forma a ficar mais didático para as espectadoras. Para cada tema, um roteiro fundamentado na pesquisa foi desenvolvido. São eles:

1) O início de uma travessia amorosa: o amor e suas faces na contemporaneidade

Convidada: Dra. Mônica Daltro

Data de postagem: 15/03/2021

Duração: 34:32

Visualizações: 354

Descrição: no primeiro episódio, as pesquisadoras se apresentam, explicam do que se trata o projeto e introduzem o tema. Trazem alguns conceitos sobre o amor como o Banquete de Platão de Aristófanos, a representação de Eros e abordam conceitos dos filósofos contemporâneos sobre o amor. Finalizam abordando o assunto na perspectiva feminina.

2) O amor romântico – história e implicações no campo do feminino

Data de postagem: 30/03/2021

Duração: 46:21

Visualizações: 131

Descrição: foi realizada uma *live* por meio da plataforma Instagram, visando explorar de onde vêm tantas expectativas e ideais que trazem frustrações e sofrimentos. Tratou-se de como surgiu esse tipo de amor e como ele traz consequências limitantes na experiência sexual feminina, com a participação de telespectadores do canal.

3) Da repressão à liberdade – Amar foi uma luta!

Convidada: Dra. Anna Amélia Faria

Data de postagem: 10/04/2021

Duração: 27:28

Visualizações: 131

Descrição: nesse episódio, foi abordado um tema fundamental para esta pesquisa e a reflexão sobre as conquistas do feminismo, o mito da beleza e da juventude, assim como as consequências do imperativo patriarcal e machista nas formas de amar das mulheres.

4) Novos vínculos conjugais

Convidada: Lua Freitas

Data de postagem: 20/04/2021

Duração: 48:52

Visualizações: 134

Descrição: esse episódio traz como convidada uma designer, estudante de psicologia e transexual mulher. Inicia-se com a história dos modos de amar, começando pelo casamento, divórcio, até abrir para os relacionamentos abertos, poliamor e outras liberdades afetivas. Aborda conceitos como a ética do amor livre e a consensualidade (Hardy & Easton, 2019). Traz reflexões sobre a posição do desejo, a orientação sexual e as percepções sensíveis da Lua no seu processo de transição.

5) Eros X Narciso – Onde encontrar o amor na contemporaneidade?

Convidada: Marilda Bastos

Data de postagem: 03/05/2021

Duração: 29:23

Visualizações: 143

Descrição: nesse vídeo, Valéria e Marilda apresentam os mitos de Eros e de Narciso com Eco. Na sequência, são abordados alguns conceitos sobre a contemporaneidade dos filósofos Bauman (2004) e Han (2017). A partir disso, as duas comentam sobre a falta de lugar para Eros na pós-modernidade, o narcisismo e as suas repercussões nas relações amorosas, a influência da tecnologia e das redes sociais nos modos de amar e separar-se.

6) Amor, sexo e desejo

Convidada: Alcione Bastos

Data de postagem: 17/05/2021

Duração: 47:39

Visualizações: 76

Descrição: nesse vídeo, começam falando sobre a história da mulher, com re-apropriação do corpo e do direito de exercer a sexualidade. Contemplam percepções do que mudou nesse quesito na contemporaneidade. Depois, abordam conceitos como amor, paixão e desejo. Explicam sobre o caminho da excitação sexual feminina, e falam de aspectos importantes para manter o desejo nas relações. No fim, elas refletem sobre as possíveis alterações nas relações amorosas pós- pandemia.

7) Posições femininas de dizer o amor – interseccionalidades

Convidadas: Ana Lima, Andréa Santa Rosa, Lígia Vilas Bôas, Luciana Bilitário, Raíssa Lé e Rosenir Alcântara

Mediação com a participação da Prof.^a Dra. Mônica Daltro

Data de postagem: 30/05/2021

Duração: 30:21

Visualizações: 54

Descrição: nesse vídeo, foram tratados diferentes lugares de fala de mulheres e seus desenlaces amorosos e onde eles convergem e divergem: a mulher negra, a mulher madura, a mulher jovem, a mulher lésbica, divorciada, casada etc.

8) A dor de amar

Convidadas: Ana Lima, Andréa Santa Rosa, Lígia Vilas Bôas, Luciana Bilitário, Raíssa Lé e Rosenir Alcântara

Mediação com a participação da Prof.^a Dra. Mônica Daltro

Data de postagem: 30/05/2021

Duração: 37:32

Visualizações: 32

Descrição: na continuação do episódio anterior, agora é abordada "A dor de amar" Esse episódio traz experiências e conceitos sobre o fim dos relacionamentos e diversas experiências de dor da separação conjugal, assim como alguns conceitos em psicoterapia como o de luto na psicanálise.

9) A elaboração do luto de amor

Convidadas: Ana Lima, Andréa Santa Rosa, Lígia Vilas Bôas, Luciana Bilitário, Raíssa Lé e Rosenir Alcântara

Mediação com a participação da Prof.^a Dra. Mônica Daltro

Data de postagem: 30/05/2021

Duração: 32:33

Visualizações: 55

Descrição: nesse episódio, são abordadas estratégias de enfrentamento da dor decorrente da separação conjugal, bem como a retomada do investimento libidinal como a possibilidade de grande encontro consigo mesma.

10) Um fim que se abre – o amor, a arte e a arte de amar

Convidada: Cyria Coentro

Data de postagem:

Duração: 36:19

Visualizações: 45

Descrição: nesse episódio, Valéria conversa com a atriz baiana Cyria Coentro sobre a relação entre o amor e a arte em diversas manifestações, como a poesia e o teatro. Cyria fala sobre o processo de construção artística do espetáculo Love e onde as suas histórias de amor e dor aparecem nos seus trabalhos. Cyria traz para o vídeo poemas de Neruda, Vinícius de Moraes, Shakespeare e Drummond, enquanto Valéria traz alguns conceitos do livro *Elogio ao Amor*, do filósofo francês Alain Badiou e *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes.

PARTICIPANTES

Apresentadora: Valéria Cristina Figueira de Brito.

Convidadas: mulheres que apresentem expertise teórica ou vivencial sobre o tema.

FICHA TÉCNICA DO PROGRAMA

Roteiro: Valéria Figueira

Pesquisa: Mônica Daltro e Valéria Figueira

Direção: Ângulo filmes e Valéria Figueira

Gravação e áudio: Ângulo filmes

Edição: Ângulo Filmes e Valéria Figueira

Identidade visual: Lucielle Trindade

Vinheta: Gabriel Batata

Cenário: Julia Leal e Valéria Figueira

Maquiagem: Caren Mota

RECURSOS NECESSÁRIOS

Foram utilizados uma sala com o cenário comendo cadeiras para as apresentadoras e convidadas, equipamentos de filmagem, iluminação e edição de vídeo, música, design das peças gráficas para divulgação e maquiagem. O programa foi custeado pela mestranda.

DISCUSSÕES

As narrativas produzidas nos encontros promovidos pelo canal Desenlaces Contemporâneos contornam questões que estão colocadas pela literatura, a saber, discursos sobre um modo de ser-de-mulheres muito exigidas em performar no campo da força, do sucesso e dos padrões de beleza, que seguem desejantes, trazendo consigo reminiscências de uma educação romântica, mas agora falando de um outro lugar, para um outro mundo, apropriadas do próprio corpo e com possibilidades de escolha de empoderamento.

Segundo Giddens (1993), as novas formas de relacionamento têm como base a igualdade e os princípios democráticos. Atribui à realização do prazer sexual recíproco um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento e presume igualdade na relação das trocas afetivas e do envolvimento emocional. Implica desenvolver uma relação compartilhada em que cada um deve proporcionar ao outro algum tipo de garantia de que o relacionamento deve ser mantido por um período indefinido, porém não evita que qualquer um que se comprometa sem reservas corra o risco de sofrer, no futuro, caso o relacionamento venha a dissolver-se.

O convite para participação nos encontros buscou a maior pluralidade de lugares sociais de fala possível, mantendo como elemento comum a presença de mulheres escolarizadas. Os registros dos relatos dessas mulheres compõem um importante instrumento de diálogo nesta pesquisa, que partiu, a cada encontro, dessa localização social, proposta por Djamila Ribeiro (2019), como caminho para compreender realidades sobre a experiência de viver o amor e suas dores. Ao longo dos temas abordados nos dez vídeos desse produto, conceitos teóricos se entrelaçaram às vivências, pautadas na dialogicidade e na troca de experiências.

A abertura da série trouxe como tema *O amor e suas faces na contemporaneidade*. Ao definir o amor como “uma confiança depositada no acaso” (p.17), Badiou (2013) nos conduz à ideia de que é possível experimentar o mundo a partir da diferença. Para ele, este é o alcance

universal do amor, no encontro amoroso, “você sai em busca do outro para fazê-lo existir com você, tal como ele é (p.18).

As participantes do programa trouxeram frases que traduzem as suas percepções sobre o amor. “O amor quando acontece, a gente esquece que sofreu um dia”, parafraseando João Bosco, é uma delas. “Não dá para traduzir em palavras, que quando você vive um amor, ele fica dentro, fica no corpo”. “Não tem amor sem dor” e que “até a própria experiência de amar é dolorosa para algumas pessoas”. Uma das participantes concluiu a sua fala com “a certeza de que o amor existe”.

Para o segundo episódio, o tema escolhido foi *O amor romântico – história e implicações no campo do feminino*. Bacchinni et al. (2017) afirmam que a constituição subjetiva das mulheres contemporâneas ancora-se numa histórica educação romântica.

Na história do amor romântico, a perda do interesse pela vida pública, reduzida a questões de mercado, provocou um enorme interesse dos sujeitos pela vida privada, com a conseqüente exaltação da vida amorosa. Com o passar do tempo, as conquistas da liberação e emancipação das minorias sexuais trouxeram para muitos a esperança de realização amorosa, aumentando o investimento no ideal de amor. Acontece que o amor deslocou-se para o centro imaginário do ideal da felicidade, tornou-se a última razão do sujeito, quando seu universo moral não pode mais garantir o poder de outros tempos (Costa, 1998).

Muitos começam a se convencer de que amar é sofrer e quem não quiser sofrer deve desistir de amar. Realizar o sonhado amor tornou-se um “desafio ou uma obsessão massacrante”. A sugestão de Costa (2018) é de desfazer o pêndulo que oscila entre a culpabilização das pessoas pelos “fracassos” de amor e a condenação da paixão amorosa como desvario.

Por meio das participações na *live* proposta nesse vídeo, algumas participantes relataram considerarem-se românticas e sofrerem com as frustrações causadas por esse imaginário. Costa (2018) afirma que, enquanto estivermos convencidos de que o ideal romântico representa o apogeu da perfeição amorosa, não temos razões para abandonar esse modo de vida sentimental. Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade, culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar. Os excluídos do amor romântico aprenderam a se considerar “infelizes”. “azarados”, “neuróticos”, “ansiosos”, “narcísicos”, “frustrados”, “medrosos” entre outros estigmas (Costa, 1998).

Para o terceiro episódio, foi discutido o tema *Da repressão à liberdade – Amar foi uma luta!* O feminismo foi abordado como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas pelo patriarcado. Dunker (2017) afirma que, numa sociedade que relega o amor a um papel marginal e que tem o neoliberalismo como modelo socioeconômico, ele entende que as estruturas da política, da economia e da cultura perpetuam o sofrimento psíquico de cada um, logo, de toda a sociedade.

O feminismo surge para ajudar a melhorar o modo como vemos o outro. Foi necessário trazê-lo como tema fundamental, pois ele nos leva ao direito de ser quem é, de expressar livremente a forma de estar e de aparecer e, sobretudo, de se autocompreender. O feminismo é o enlace entre a política e a ética que se orienta em defesa da singularidade das pessoas (Tiburi, 2019).

Alguns comentários de participantes do programa ilustram o caminho que a mulher vem percorrendo para amar, atravessado pelo patriarcado. Sobre a importância da mulher em conquistar autonomia, uma delas afirma: “sou de uma família matriarcal em que os homens morreram ou abandonaram, e a gente tinha que lutar muito para conseguir tudo e só tinha como conseguir com o trabalho”. Outra, sobre o imperativo do casamento para as mulheres, relata: “eu sou de uma geração em que a experiência de ser mulher estava atrelada a ter uma experiência de amor, a estar heteronormativamente casada, embora eu tivesse a liberdade na minha geração de escolher esse amor. Poderia também escolher ficar só, pagaria o preço de ser uma mulher largada, mas também era possível. Essa experiência cria uma película, de ter amor e ser amada como uma experiência de lugar”. Uma jovem comenta sobre os vestígios da subordinação da mulher ao patriarcado: “você ser livre hoje em dia assusta muita gente”.

Houve uma interessante discussão intergeracional sobre o que mudou e não mudou nas maneiras de amar e sofrer. Uma participante comentou que houve muitas mudanças do período da mãe para o dela, e outras discordaram. Sobre a liberdade, uma delas relata: “eu tinha uma liberdade pra amar que tinha um tanto daquela época e um tanto da minha alma geminiana.” A outra conceituou liberdade de duas formas: “é a liberdade que o outro te permite e a liberdade que você tem”. Sobre essa experiência de lugar, foi dito: “até uma determinada idade, a gente é quem os pais ou aquele grupo que a gente convive muito diz que a gente é, mas depois, a gente vai descobrindo, de fato, quem a gente é e o lugar que a gente ocupa”.

No quarto episódio, falamos sobre os *Novos vínculos conjugais*. Hardy et al. (2019) anunciam as relações livres, como relacionamento aberto e poliamor, mais um aspecto da transformação da intimidade – fenômeno estimulado pelos amplos movimentos sociais, que

estão tentando, consciente e deliberadamente, desaprender e reaprender a amar. Segundo eles, tudo indica que as relações serão mais livres e, por isso, mais satisfatórias.

A ética do amor livre e da consensualidade nessa nova forma de amar, diferente da expectativa do amor romântico de sermos a única pessoa importante para o outro, traz na sua receita como ingredientes principais o companheirismo e a solidariedade. Sai de cena a palavra concessão, pois, no mundo individual, essa capacidade diminui e entra a palavra respeito. Consentimento – colaboração para o benefício, o bem-estar e o prazer de todas as pessoas envolvidas (Hardy et al., 2019).

O sentimento de pertencer a outro sexo presente no transexual é tão antigo quanto a sexualidade humana. Para fugir de uma norma cis heteronormativa binária, trouxemos, no 4º episódio, Lua Freitas, uma mulher transexual, designer e estudante de psicologia, de 30 anos.

Sobre a experiência de ser uma transexual nos modos de amar na contemporaneidade, Lua diz: “por mais libertas que estejamos hoje, todos esses sentimentos de opressão estão presentes, de formas diferentes da heteronormatividade. Como mulher *trans*, eu vivencio essa opressão todos os dias, e a forma como eu executo o amor é questionada”.

Sobre a mudança de percepção de antes e depois da transição, diz: “antes da transição, a gente se encontra numa posição muito melhor (a de ser cis homossexual, bem mais aceita). Depois a gente vai perdendo todos os privilégios, tem que lutar muito para se recolocar”.

Sobre a experiência de tornar-se mulher, Lua revela: na verdade, só existe uma escolha, ser quem se é”. Ela relata que o mais difícil é receber a aceitação do seu lugar de mulher do outro: “até hoje me vejo cobrando coisas que me disseram, que pertencem ao mundo da mulher” e complementa: “essa percepção é só minha”.

Ela, no lugar de mulher, coloca: “todas as mulheres precisam se livrar das amarras de controle, cada dia tocar fogo numa amarra dessas” (...) “Transcender o gênero significa transcender todas as amarras que colocaram na gente”.

Sobre o atravessamento da classe social à qual pertence, diz: “ser de classe social média conta muito para diminuir a dor”. Lua diz que as transexuais que não têm condições sofrem muito mais, seja por ter a prostituição como única opção de sobrevivência, seja pelo que precisam usar em seus corpos para transicionar, além de estarem mais expostas à violência.

Sobre a sua experiência amorosa, Lua relata que é casada há três anos num relacionamento agora heterossexual, já que ela transicionou há um ano. Sobre traição, diz: “se existe um afeto, uma história, não vai ser apagado por um sexo bom” (...) “Eu tenho que pensar que eu também tenho desejo e que, às vezes, não necessariamente envolve o meu parceiro”.

Sobre o relacionamento aberto, ela se coloca: “as relações abertas livres não são possíveis, porque as pessoas nunca vão ser honestas”. Segundo ela, faz-se necessário: “respeitar a si mesmo, respeitar os outros e autoconhecimento”.

Sobre a possibilidade de viver um poliamor, diz: “incluir uma terceira pessoa num relacionamento, já construído por dois, é muito complicado para mim”.

Lua afirma que: “pensar no aspecto da liberdade e do outro sendo autônomo nos seus desejos é o principal fator para a maturidade sexual” e questiona: “o outro merece ser amado pelo que a gente quer que ele seja? Até onde isso é afeto para o outro? Eu acredito que não seja, é só ego”.

Sobre o que mudou na sua orientação sexual na nova identidade de gênero, Lua fala: “uma das coisas que serviu para exteriorizar a minha identidade de gênero foi pensar: agora eu não preciso de um homem para ser mulher, eu já sou mulher. Tanto que hoje estou aberta até para uma relação com alguém do gênero igual ao meu”.

Sobre os desafios da intimidade da mulher trans, ela nos apresenta: “eu conheço pessoas trans absolutamente sozinhas, pois, ao executar a identidade de gênero, foram totalmente negadas na família, a intimidade não existe. Sobra para a trans o lugar de sombra, daquela que retém o desejo reprimido”.

Lua finaliza a sua incrível contribuição com um chamado: “todas temos que falar, voz calada é voz morta! A gente tem que atuar, estar presente em diversos meios, dizer que existimos, bater no peito com orgulho. Isso é um movimento ainda dolorido, mas ao mesmo tempo, no fim, nos sentimos muito mais fortes, empoderadas e conscientes do nosso protagonismo. É importante que se enxergue que existe vida além de um corpo transgênero, porque é vida, como qualquer uma”.

Sobre os novos vínculos conjugais, destacamos falas de outras participantes: “eu tenho duas filhas adolescentes e acompanho que hoje é um novo comportamento, de união, de relação; existem agora muitos tipos de relação e novos tipos de possibilidades de vínculos diferentes”. Outra relata: “enquanto mulher lésbica, ao pensar de amor penso na família. A família tem um papel grande nos relacionamentos amorosos e a forma com que a família compreende a sua sexualidade pode ter impactos drásticos. No momento em que saímos do armário, colocamos à prova um amor incondicional que a nossa família de sente por a gente. Essa incondicionalidade está condicionada a diversas projeções que a nossa família faz por a gente”.

Para o quinto episódio, apresentamos *Eros X Narciso – Onde encontrar o amor na contemporaneidade?* Foram trazidos os mitos de Eros e Narciso para promover a reflexão sobre o lugar do amor na contemporaneidade. Costa (1998) diz que "apesar do enorme prestígio

cultural, o amor deixou de ser um puro momento de encanto para se tornar uma corveia”. Quando é bom não dura, e quando dura, não entusiasma" (p.11).

As transformações da intimidade nos levam a questionar se ainda podemos considerar intimidade como proximidade, aconchego, amor e vínculo. "O íntimo e a intimidade se dissolvem, ao romper-se o amor romântico. A revolução nas comunicações, democratização da informação, a globalização, atingem profundamente as formas de intimidade até então conhecidas. O espaço da privacidade fica rarefeito" (Giddens, 1993).

Sobre esse quesito, uma participante comentou no programa: “relacionamento hoje em dia é muito difícil. Tá muito complicado de manter, de continuar, a cada problema a pessoa já bota como depressão e é muito difícil porque a gente se entrega, nós que somos mais românticas. E, no final, a pessoa não quer nada com você. Eu digo isso por vivência mesmo”. Ela dá um exemplo de uma fala defensiva comum: “não quero cair no golpe”.

Uma participante comentou sobre o nome do programa, *Desenlaces contemporâneos*: “hoje em dia até por um WhatsApp você tem um desenlace. Compromissos hoje estão tão fugazes, diferentes e objetivos, em outro lugar”.

No sexto episódio, apresentamos o tema *Amor, sexo e desejo*, tema escolhido pela relevância da experiência sexual que, assim como o amor, é produto de um complexo conjunto de processos históricos culturais e sociais. A sexualidade é fruto dessa construção social e engloba o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais.

Sobre a diferença entre amor e desejo, retratada no quarto vídeo, Kuss(2015) afirma que o desejo se funda na perda do objeto, momento esse que marca a entrada do sujeito em uma relação contínua com uma insatisfação e, como não há o objeto, o desejo não se realiza, ele se mantém sempre insatisfeito. Tal insatisfação leva o sujeito faltante a uma contínua busca por novos objetos, sempre na tentativa de encontrar a satisfação. Na experiência de satisfação, surge a mítica ideia de completude do amor pela qual o desejo anseia.

Há uma diferença aposta nos modos feminino e masculino de amar e desejar, encontrando no modo masculino uma complexidade particular no que se refere às de junções entre o objeto de amor e o de desejo e, no feminino, há uma tendência à convergência do amor e do desejo ao mesmo objeto.

Nos episódios sete, oito e nove do programa, houve a participação de sete mulheres escolarizadas (nível superior) de 20 a 58 anos, de profissões diversas, falando sobre as suas experiências de elaboração de luto de amor. Algumas delas são psicólogas e acresceram aos seus depoimentos experiências de atendimento na clínica.

No sétimo vídeo, foi apresentado o assunto *Posições femininas de dizer o amor – interseccionalidades*. Estudos sobre as relações raciais apontam o quanto o corpo negro ocupou um lugar na hipersexualização e no trabalho. Kilomba (2019) cita o componente para esse “reservatório”, para os medos da cultura ocidental: o medo da mulher *branca*, da mulher *negra* sexualizada, e ao desejo masculino *branco*.

Kilomba (2019) afirma que o racismo, portanto, constrói a mulheridade *negra* como um duplo – a “doméstica assexual obediente” e a “prostituta primitiva sexualizada” (p. 143). Sobre os modos de amar, uma participante, que se define como uma mulher negra, fala desse “outro” lugar: “tem mulheres de pele preta que nunca foram amadas nesse amor. (...) É um lugar do não amor e muitas delas não amaram, estavam ocupando outros lugares (...) em uma experiência que é o vazio”.

No oitavo vídeo, abordamos o tema *A dor de amar*. Barthes (2019) diz que apesar das dificuldades, dos incômodos, das dúvidas, dos desesperos, da vontade de tudo abandonar, ele não deixa de afirmar o amor como um valor e todo episódio de linguagem que ponha em cena ausência do objeto amado, quaisquer que sejam a causa e a adoração, tende a transformar essa ausência em prova de abandono.

Seguem os comentários, sobre esse sentimento: “assim como o amor, a dor de amor não pode ser traduzida em palavras”; “esse lugar de se apropriar do amor, só é possível com a dor”; “a dor de amor é muito raivosa (...) a gente busca uma reparação” (...) “quando a gente perde um amor é como se um pedaço do ego fosse junto”.

Sobre a vivência da separação, uma mulher comenta: “as gerações se atravessam. Eu acreditava que só poderia estar completa e me sentir feliz se tivesse um casamento porque minha mãe e meu pai foram casados 30 anos, numa história belíssima de amor”. Depois, acrescenta que se separar “foi a desconstrução de tudo que eu ouvi. Eu tive que me reorganizar para me ver enquanto mulher entender que eu era um ser único e poderia caminhar, amar, desejar”.

Sobre a dor de amor na contemporaneidade, uma jovem comenta: “as pessoas tentam esquecer da pior forma que é bebendo, indo para festa, tentando pegar outra pessoa no lugar daquela (...) hoje em dia as pessoas não dão valor, não estão ligando para os sentimentos (...) pessoas com muito medo de se comunicar”.

No nono vídeo, aprofundamos com *A elaboração do luto de amor*. Uma convidada, sobre a falta de lugar para elaborar a dor de amor, cita uma “lógica neoliberal de que tem que estar bem para poder produzir”. Uma psicóloga relata sua experiência em clínica e cita uma

“urgência parecendo que viver é não sentir, que vem causando um sofrimento cada vez maior”. Relata que as pessoas na atualidade “não querem amar para não sofrer”.

Sobre a diferença da experiência de luto por morte ou por separação, uma participante, que é viúva, afirma que perder um amor por morte “não é mais duro ou menos duro que perder um amor que continua vivo”.

Houve uma rica discussão entre o tempo do luto, a partir do comentário de uma jovem participante: “foi detectado em pesquisas, que leva 20 dias para se esquecer alguém”. Outra discorda dizendo: “o amor tem um tempo, e não tem tempo certo”; outra destaca que “o tempo é fundamental no processo de luto” e que há, no processo de separação conjugal, casos de “luto antecipatório, de viver o luto pelo processo de separação dentro da relação”. Para isso, se faz importante aceitar a durabilidade do amor como relatou uma delas: “o relacionamento deu super certo no período que durou”.

Sobre o processo da elaboração da dor de amor, uma participante comentou que “as experiências de separação vão nos ensinando que essa lente é construída socialmente e que a gente pode usá-la ou não e isso interfere na dor. (...) Tem um nível de devastação mesmo, até a gente entender que isso não somos nós”.

Apareceu na discussão a importância do autoconhecimento. “eu precisei sair da culpa”, uma diz. “Compreendo que existe a finitude do amor e a infinitude também”. Outra diz que: “se conhecer, é muito importante” e sobre a experiência da separação: “a melhor parte foi aprender um pouco mais sobre o que passei e sobre mim”. Lacan foi citado para conceituar o processo terapêutico na elaboração da dor de amor: “recordar, repetir, elaborar”, e outra confirma: “a resposta saudável implica na capacidade de expressar essa dor”.

Houve uma definição de forma poética, muito interessante: “se relacionar com alguém é trocar, partilhar e compartilhar. Perceber se as marcas ficam como cicatrizes horrorosas ou tatuagens belíssimas”.

Sobre a separação, apareceu “um grande ganho, é poder ficar livre para o amor”. Sobre a experiência pós-separação, foi dito: “tem um tempo da gente se dar conta – quem sou eu? Como eu quero viver agora?” Sobre o que percebeu de mudanças, afirma: “houve um tempo que a minha lente se quebrou, depois minha lente para o mundo ficou mais gentil” e “eu entendi que esse tudo não existe”.

O assunto solidão foi abordado. Foi citado sobre o prazer de estar só: “eu acho um tesão ser só, eu acho um tesão ter alguém. Outra, belissimamente conclui, com uma apropriação: “o amor é nosso”! A psicanalista Maria Homem (2020) diferencia solidão de solidude. A solidão aparece como a sensação de que se está sozinho e ninguém se importa com você. Seja vivendo só ou

com outras pessoas, sente essa difusa e, muitas vezes, gelada solidão penetrando em suas mentes. Já a solidão, tem a ver com a própria condição humana de estarmos irremediavelmente sós no interior da própria experiência. A solidão revela que somos únicos, mesmo que sempre humanos e diz que vem daí o conceito de subjetividade.

Sobre a importância da terapia no processo da elaboração da dor de amor, as mulheres comentaram: “no primeiro momento, eu quis fugir da dor. Depois voltei a recorrer à ajuda especializada (...). Quando vem a dor, vem angústia, vem a busca do conhecimento. É um caminho em que você precisa se confrontar, ver por que estava acontecendo e o que foi tudo aquilo (...) Depois eu precisei de uns dois anos de terapia, foi aí que eu entendi melhor, consegui olhar para a dor e ver o que aconteceu”. Outra relata que, por meio da terapia, fez importantes descobertas: “a minha relação com os homens está muito atravessada com a minha relação com meu pai”. Foi discutido sobre os padrões de repetição da dor de amor, que revivem feridas narcísicas da separação primordial. “A depender de como ela foi vivida, você acaba revivendo”. Outra acrescenta: “eu só vim entender a minha primeira dor de amor, depois de muitas outras”. Outra partilha: “o meu processo de análise foi longo, me fez deslizar e poder me amar cuidando das minhas dores. É uma tessitura rua fio, ponto a ponto”. Sobre a sua experiência na clínica, enquanto psicóloga, afirma: “fazer com que cada um possa sentir a dor: amparado, acolhido. Isso é amor”.

Para o décimo vídeo sob o tema *O amor, a arte e a arte de amar*, tomamos como referência o belo livro *Elogio ao amor* de Alain Badiou (2013). O universal está na prova de que todo amor nos oferece, no fato de que todo amor propõe uma nova experiência de verdade sobre o que é ser “Dois”, e não um, que o mundo possa ser encontrado experimentado de outra forma que não seja por uma consciência solitária. É por isso que amamos o amor, amamos amar e amamos que os outros amem, simplesmente porque amamos as verdades.

Fechamos com um esperançoso conceito do “laborioso do amor”, uma verdade do vir a ser construído ponto a ponto. Segundo ele, “existe um trabalho do amor, e não apenas um milagre. É preciso estar ativo, tomar cuidado, unir-se consigo mesmo e com o outro. É preciso pensar, agir, transformar. E aí sim, como recompensa imanente do labor, vem a felicidade”. (Badiou, 2013, p.51) O amor também é o duro desejo de durar e o desejo de uma duração desconhecida. “O amor é uma reinvenção da vida, reinventar o amor significa reinventar essa reinvenção” (Badiou, 2013, p. 26).

Receber os depoimentos, relatos e conceitos dessas mulheres trouxe muitas nuances subjetivas sobre os assuntos relacionados à pesquisa. A forma com que elas despiram suas experiências demonstra sensibilidade, busca por autoconhecimento e muita capacidade

emocional. Elas inspiram, assim como Beauvoir (2019), que faz recomendações práticas para favorecer a emancipação feminina. Ela diz que é fundamental transcender-se, por meio de projetos próprios. Trata-se de reivindicar além da emancipação das mulheres, isso é reivindicar a nossa liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência deste produto de mestrado me possibilitou várias percepções enriquecedoras e me posicionou em outro lugar como profissional. O maior estímulo veio com a possibilidade de desenvolver algo em que pudesse colocar criatividade. A liberdade é o maior presente, mas também, um grande desafio: entre tantas possibilidades, o que escolher? A ideia de uma série de vídeos discutindo tantos assuntos aprendidos com outras mulheres me pareceu a melhor opção, que só se confirmou ao longo do processo.

Primeiramente foi necessário dar forma ao projeto. Ele precisava de nome, de cores. A brincadeira com o nome des(enlaces) foi uma escolha que permitiu uma logomarca esteticamente funcional, seguida de vinheta. O complemento “contemporâneos” veio no título para contextualizar o programa na atualidade. Com a identidade visual pronta, foi construída uma rede social exclusiva para o programa pela plataforma Instagram. Por meio dessa plataforma, além do canal, foram feitas enquetes e colhidos comentários relevantes para a escolha dos assuntos a serem tratados.

Uma experiência interessante foi a de estudar para os roteiros dos vídeos. Construir uma adaptação do texto para uma linguagem e um formato que pudesse ser mais interessante para a telespectadora foi desafiador. Além do cuidado com a forma de comunicar o assunto, foi preciso adaptar o tema à convidada. Em várias vezes, falas não puderam ser ditas, pois a interação conduziu a conversa para outro caminho. Perceber esse fluxo, seguir os acontecimentos e, ao mesmo tempo, conduzir o assunto para que não fugisse do tema, foi um grande aprendizado.

Ao gravar os vídeos, percebi o quanto a diversidade das mulheres convidadas foi desafiadora. Umas falavam bastante, outras pouco, algumas tinham agenda cheia e desmarcaram às vezes. Houve momentos em que percebia o tema escapular pela janela da espontaneidade, o que é sempre bem-vindo, mas o compromisso com a pesquisa me fez buscar, a todo instante, trazer o assunto de volta, com certa tensão. Para alguém sem experiência em apresentação de programas, foram necessárias doses extras de flexibilidade, paciência e perseverança.

Foi feito um grande exercício, talvez o maior de todos, para lidar bem com a minha autocrítica, para aceitar tantas falhas, dessa vez, gravadas em vídeos. Para isso, foi preciso aceitar a minha performance tal como aceitar este trabalho, sempre inacabado, em um lugar constante de aprendizado.

A edição foi um processo trabalhoso, foi necessário fazer cortes para que o vídeo não ficasse monótono e destacar algumas falas para assegurar a transmissão da informação. Quando alguma convidada citava uma obra ou um autor, todas as legendas foram colocadas.

Quanto aos números do canal, desde a publicação do primeiro vídeo, em 15/03/2021 até o último, em 10/06/2021, foram contabilizadas 89 inscrições, 1024 acessos e 198 curtidas. Esse material continuará sendo trabalhado por mim em minha trajetória profissional.

Uma autocrítica já percebida foi sobre a duração dos vídeos, que tiveram uma média de 37 minutos. Para uma maior adesão e interesse, eles poderiam ser mais curtos e dinâmicos.

Certamente o mais rico do processo foi a interatividade com outras mulheres. Quando a pesquisa sai do texto para o diálogo, uma força de transformação acontece, um circuito em que os conhecimentos e os sentimentos são tramitados, por meio de uma palavra que atravessa, que nos afeta, uma palavra viva! Escutar realmente essas mulheres, em seus diferentes lugares de fala, me proporcionou fazer diferentes associações e interpretações sobre o tema.

Dessa forma, efetivou-se a comunicação psicoeducativa, que quer dizer a promoção de reflexões no caminho do autoconhecimento e do desenvolvimento emocional. Por meio de propriedades regenerativas, curativas, das palavras postas em relação pelo diálogo entre mulheres, realizou-se outro diálogo, o da pesquisa com o programa.

Pretende-se seguir trabalhando o conteúdo do canal pelas redes sociais, para que seja mais explorado, divulgado e debatido. A partir dele, estão abertas possibilidades a novos espaços para falar sobre o tema, que continuará sendo pesquisado.

Nunca se sabe onde os sonhos podem nos levar. Logo depois da gravação do primeiro vídeo, a pessoa que fez a filmagem sugeriu que ele gravasse um jingle para a abertura do programa. Fiz algumas alterações, como a mudança “Sejam bem-vindos ao Desenlaces” para “Sejam bem-vindas”, sempre com o público do programa em mente. Na hora em que ouvi a música naquela voz masculina, afirmei que precisava ser cantado por uma mulher. Na falta de uma verba extra para pagar uma cantora, eu me prontifiquei: – Eu posso fazer! Ele perguntou: – Mas você canta? Respondi: – Canto. Eu não cantava, mas cantei, assim como não pesquisava e não apresentava. E olha eu aqui.

REFERÊNCIAS

- Akotirene, C. (2020). *Interseccionalidade*. São Paulo: Ed. Jandaíra.
- Calligaris, C. & Homem, M. (2019). *Coisa de menina?* Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. SP: Papirus 7 Mares.
- Eizirik, M.F. (2018). Amor, um pássaro rebelde. *Revista de Psicanálise*. 25(1). <https://doi.org/10.5281/sppa%20revista.v25il.354>.
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização* (1930). São Paulo: Companhia das letras.
- Han, B.C. (2017). *Agonia de Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hardy, J. & Easton, D. (2019). *Ética do amor livre: guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas*. SP: Ed. Elefante.
- Kallestinova, E. (2011). How to write your first research paper. *Yale J Biol Med* 84(3), 181-190. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3178846/>.
- Kuss, A.S.S. (2016). Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan. *PSICOLOGIA ARGUMENTO*. 34(86), 243-255. Recuperado de <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=16432&dd99=view&dd98=pb>.
- Lemos, M. (2016). De que forma a psicologia vem acompanhando as mudanças trazidas pela tecnologia. *Psicologia do Brasil*. Não paginado. Recuperado de <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/de-que-forma-a-psicologia-vem-acompanhando-as-mudancas-trazidas-pela-tecnologia/>.
- Lins, R.N. (2017). *Novas formas de amar*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Moura, G. & Freitas, L. (2018). O Youtube como ferramenta de aprendizagem. *REVELLI* 10(3), 259-272. Recuperado de [www.revista.ueg.br > index.php > revelli > article > view](http://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view).
- Nasio, J.D. (1997). *O livro da dor de amor*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen.
- Stoque, F., Scotton, I., Lisboa, C. & Neufeld, C. (2016). Tecnologias da informação e comunicação e formação do psicólogo clínico. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas* 12(2), 91-99. Recuperado de http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=237.
- Tiburi, M. (2019). *Feminismo em comum: para todas, todas e todos*. RJ: Rosa dos Tempos.
- Wolf, N. (2020). *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres*. RJ: Rosa dos tempos.
- Desenlaces Contemporâneos. *O AMOR E SUAS FACES NA CONTEMPORANEIDADE - Desenlaces Ep. 1 | Convidada: Mônica Daltró*. (2021). Disponível em: https://youtu.be/H4EVvL0B_gI.

- Desenlaces Contemporâneos. *O AMOR ROMÂNTICO E SUAS IMPLICAÇÕES NOS MODOS DE AMAR (LIVE) - Desenlaces Contemporâneos Ep. 2.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/t0UIMZVF0j4>.
- Desenlaces Contemporâneos. *O LUGAR DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE - Desenlaces Ep. 3 | Convidada: Anna Amélia Faria.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/RNKf20pGHVI>.
- Desenlaces Contemporâneos. *RELAÇÕES LIVRES E NOVOS VÍNCULOS CONJUGAIS - Desenlaces Ep. 4 | Convidada: Lua Freitas.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/kxrI4SL2MQ8>.
- Desenlaces Contemporâneos. *EROS X NARCISO - A QUEM FLECHAR NA CONTEMPORANEIDADE? - Desenlaces Ep. 5 | Convidada: Marilda Bastos.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/rjoSKhV1deI>.
- Desenlaces Contemporâneos. *AMOR, SEXO E DESEJO - Desenlaces Ep. 6 | Convidada: Alcione Bastos.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/FpXhasZwzJE>.
- Desenlaces Contemporâneos. *POSIÇÕES FEMININAS NO DIZER A DOR DE AMOR - Desenlaces Ep. 7 | Part.: Mônica Daltro e convidadas.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/CdtjUEDjtWo>.
- Desenlaces Contemporâneos. *A DOR DA SEPARAÇÃO CONJUGAL - Desenlaces Ep. 8 | Participação: Mônica Daltro e convidadas.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/Hh1h8GBPN5I>.
- Desenlaces Contemporâneos. *A ELABORAÇÃO DO LUTO DE AMOR - Desenlaces Ep. 9 | Participação: Mônica Daltro e convidadas.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/p0Uy2Ub2O54>.
- Desenlaces Contemporâneos. *O AMOR, A ARTE E A ARTE DE AMAR - Desenlaces Ep. 10 | Convidada: Cyria Coentro.* (2021). Disponível em: <https://youtu.be/8wqvr5igero>.

DISCUSSÕES

Os números apresentados pelo censo de 2010, mesmo defasados, apontam-nos a ascensão do protagonismo das mulheres. Cada vez mais, elas assumem os seus lugares no mercado de trabalho, a posição de chefes de família, tomam mais a iniciativa de se separarem e criam mais coragem para assumir as suas orientações sexuais diversas e seus modos de amar.

Utilizando a metáfora da Maria Homem (2010), a pandemia do coronavírus veio para desacelerar e colocar uma lupa sobre as questões que não queríamos ver. Por motivos diversos, utilizávamos a correria e a agenda lotada na rua.

A transformação da intimidade das mulheres brasileiras reflete as transformações sociais e tem como pilar o empoderamento feminino e a re-apropriação do corpo, sendo elas cada vez mais donas do seu corpo e usando-o para obter o prazer e se colocar na cena. É bom mesmo que estejam preparadas, pois ainda há muitas batalhas a serem enfrentadas, como a violência, o preconceito, a desigualdade salarial, o imperativo dos padrões de beleza etc.

Badiou (2013) distingue três concepções do amor. A romântica, focada no êxtase do encontro, a concepção comercial jurídica, segundo a qual o amor seria um contrato, a concepção cética, que considera um amor uma ilusão. O amor, no entanto, para o filósofo, não se reduz a nenhuma delas, “ele é uma construção de verdade (...) é o que é o mundo quando o experimentamos a partir do Dois, e não do um” (p.20).

Tantos conceitos profundos para tentar definir o amor, porém, para Costa (2018), nenhum dos constituintes afetivos ou cognitivos do amor são fixos. Tudo pode ser recriado, em função do que se julga melhor. Para isso, é preciso mostrar que as nossas convicções amorosas podem ser aperfeiçoadas. Em seu estudo, contempla desmistificar três afirmações que sustentam o credo amoroso dominante:

1) O amor é um sentimento universal e natural, presente em todas épocas e culturas; 2) O amor é um sentimento surdo à voz da razão e incontrolável pela força de vontade e 3) O amor é condição *sine qua non* da máxima felicidade que podemos aspirar.

Costa (1998) nos convida a continuarmos invocando ritualisticamente o amor e a renovar a gramática emotiva "vivemos em uma moral dupla, de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudade dos sentimentos" (p. 21). Para isso, faz-se necessário reinventar novos ideais de amor. Mesmo se quiséssemos, segundo ele, não conseguiríamos voltar ao tempo das grandes paixões, pois não somos mais capazes de experimentá-las nem do ponto de vista psicológico, nem do social.

A vertente dos amores livres suscita a curiosidade de fazer mais pesquisas que provoquem a investigação da própria subjetividade no quesito desejo. Faz- nos pensar: Quais são os nossos armários? Quais são as possibilidades e como é possível ser uma adulta sensual madura? Teriam já encontrado, se esse for à vontade, o status de pessoa sexualmente sofisticada, que conhece do seu desejo e busca vivê-lo? Pelo visto, a pesquisa sobre o desejo traz muito mais perguntas do que respostas.

Sobre o luto da perda da relação amorosa, foi percebido que essa virada de deixar o objeto de amor é subjetiva e envolve os processos de separações anteriores, desde o primordial. Divórcios são tentativas de tentar conseguir fazer a leitura dos momentos em que se deixou fascinar por aquela antiga ferida narcísica, da díade mãe e bebê, em que você imaginava ser o centro do mundo.

A separação derruba a primeira ficção dessa “completude” e coloca o sujeito no vazio, no contato com a falta. O objeto do desejo é sempre alguma coisa que você imagina que lhe traria a completude, simbolizada neste estudo por meio do Banquete de Platão (2017), que lhe salva da ideia da perda. Se separar é descosturar novamente essa grande perda.

A separação dói não porque você perde esse objeto atual, esse homem, essa mulher. Esse objeto reverbera a perda de todos os outros objetos perdidos. Elaborar uma separação reflete também na cura da dor de amor das separações passadas.

Se dói, é porque algo rasgou, houve uma ruptura e ela sangra psiquicamente. Curar essa ferida requer uma elaboração cuidadosa, num tempo que também é único para cada uma.

Os desenlaces e a dor de amor foram vistos como algo que compõe o amor. Quanto maior a elaboração desse primeiro grande luto, desse primeiro desmame no processo edípico, torna-se mais possível a espiral de construção dessas perdas, das separações, que colabora na sua reconstituição como sujeito, de volta à sua condição humana e subjetiva básica de solidão; de gozar, chorar e, também, viver sozinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A travessia amorosa nos exige coragem. Ao ingressá-la, corremos todos os riscos: desespero, ansiedade, sofrimento, desejo insatisfeito, perda da liberdade e frustração. O terreno do amor é repleto de sobressaltos e êxtases que nos desafiam ao desassossego. Assim também foi o percurso deste estudo. Atravessado por uma pandemia mundial que nos impôs um distanciamento social, o ideal da apresentação de um espetáculo teatral, planejado inicialmente,

precisou adaptar-se às possibilidades da tecnologia, utilizando uma plataforma digital para hospedar vídeos como produto técnico desta pesquisa.

A produção técnica do produto *Desenlaces Contemporâneos* foi norteadada no sentido político da pesquisa. Esse canal, enquanto instrumento de pesquisa, promoveu o autoconhecimento, a reflexão de que é possível conhecer estruturas inconscientes (culturais) que nos organizam, para nos libertar delas. Mais do que informativo, o seu propósito é (psico) educativo.

A experiência de falar sobre conceitos teóricos, sensíveis e profundos por meio de uma plataforma digital foi um grande desafio. Para conhecer os efeitos e as repercussões da abordagem dos temas sobre vínculos conjugais para as mulheres na contemporaneidade, fez-se necessário entrar na sua intimidade, alinhavando os discursos amorosos aos conceitos encontrados na pesquisa. Essa experiência trouxe novos elementos sobre o fazer pesquisa, sobre a psicoeducação, o seu alcance e a sua importância.

Se a experiência de realizar esta pesquisa provocou um deslocamento no saber e em me sentir mulher, bem como o lugar de uma psicóloga de mulheres, a experiência de realizar o produto técnico tornou a me deslocar. O ato de colocar o conhecimento no diálogo deu vida e função à pesquisa, e ao fazer psicologia.

Foi percebido, por meio desta pesquisa, o amor como experiência singular, submetido a uma contextualização histórica, cultural e social, portanto interseccionalizado. Os modos de amar interseccionam-se na experiência contemporânea de existir. A partir desse princípio, desloca as mulheres de modos distintos. Embora a gente ainda perceba muitos traços da mulher colonizada, dos modos de amor romântico, a experiência de amor agora não cabe em um modo fixo ou ideal de amar e sofrer. Essas experiências são cruzadas por novos questionamentos que fogem do modelo binário e escapam do padrão heteronormativo e monogâmico de conjugalidade.

Hoje o amor romântico numa lógica binária não se sustenta porque a mulher não é mais binária. Ela não está mais nesse lugar binário de obedecer e de ter uma perspectiva de intimidade restrita e se encontra em uma posição de que ela pode amar ou não amar. É singular, depende da subjetividade, da sua constituição como sujeito e trata-se de um atravessamento múltiplo realizado por fatores culturais, lugar de fala, contexto social histórico e dos fatos sociais que estamos vivendo.

O conceito do amor enquanto discurso, feito a partir da linguagem e alimentado por ela, provoca-nos a pensar no quanto o conhecimento sobre o assunto nos mobiliza, a exemplo de mim como pesquisadora, que agora pensa (e, por isso, sente) o amor de outro lugar.

Como o conhecimento é interseccional, o amor é uma experiência interseccional. A experiência de amar passa por desenlaces narcísicos, seja como mulher, sejam culturais, de modelos de se vincular e de se separar.

Os textos pesquisados apontam mulheres extremamente cobradas por uma postura emancipada e performática que só encontram espaço de acolhimento e voz sobre suas dores por separação conjugal no consultório terapêutico. Com a promoção de reflexões sobre esses temas por meio dos vídeos, mais um espaço foi aberto em direção ao autocuidado, como mais um recurso possível para as mulheres, para refletir sobre seus modos de amar e a elaboração dos seus lutos de amor.

O psicoterapeuta Roberto Freire (1999) diz que o verdadeiro ato de amor é o que garante a quem amamos a liberdade de amar, além e apesar de nós e de nosso amor. É necessária uma abertura do coração para acolher o mundo com compaixão e sem defesas, abrir-se para qualquer amor ou conexão que a vida oferece, colocando-nos livres de julgamentos. Não significa aceitar tudo. Significa estar disposto a julgar um relacionamento como base no quanto funciona para todos os participantes e não em um determinado padrão de certo ou errado.

Para finalizar, embevecida pela sensação de amplitude que esta pesquisa me causou, escolho desconstruir, por meio da partilha da minha convidada Lua Freitas. Ela disse que nesse árduo e belo caminho de autodescoberta da transgeneralidade percebeu que não dá para ficar buscando um padrão feminino (cis) de beleza e sim olhar para a beleza que é trans, que há na trans. Acrescento a isso a grande beleza que reconheço nela, que realmente transcende, que é dela, única, de ser Lua. Tomo-a como exemplo para homenagear todas as mulheres nos seus processos de virem a ser, nesse longo percurso, pelas tantas lutas, passando pela minha mãe, para que continuemos buscando a liberdade, donas dos nossos corpos e assim tornemo-nos legítimas ao nosso desejo, este que se faz mutante, complexo e diverso.

REFERÊNCIAS

- Akotirene, C. (2020). *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro: Ed Jandaíra.
- Araújo, M.F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>.
- Associação dos Notários e Registradores do Brasil (ANOREG). (2021). *Registro civil*. Recuperado de: <https://www.anoreg.org.br/site/>.
- Bacchinni, A.M., Vilhena, J., Frances, I. & Novaes, J. (2017). *Desenlaces contemporâneos: um estudo sobre amor e frustração amorosa*. *Trieb*. 15. 139-154. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/316441711_DESENLACES_CONTEMPORANEOS_UM_ESTUDO SOBRE AMOR E FRUSTRACAO AMOROSA.
- Badinter, E. (1986). *Um é o outro*. RJ: Nova Fronteira.
- Badiou, A. (2013). *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (2019). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa/Portugal: Edições 70.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beauvoir, S. (2019). *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- Carreira, D. (2018). O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. *Revista Internacional de Direitos Humanos*. Ed.28. Recuperado de: <https://sur.conectas.org/o-lugar-dos-sujeitos-brancos-na-luta-antirracista/>.
- Costa, J.F. (1999). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Del Priore, M. (2005). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Del Priore, M. (2006). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Del Priore, M. (2007). Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno. *Estudos de Religião*. 21(33), 121-135. Recuperado de: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/191/201>.
- Del Priore, M. (2008). O amor e a história, por Mary Del Priore. Recuperado de: <https://historiahoje.com/o-amor-e-a-historia-por-mary-del-priore/>.
- Del Priore, M. (2014). *Histórias e conversas de mulher: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. São Paulo: Planeta.
- Dunker, C. (2017). *Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora.
- Durkheim, E. (1972) *As regras do método sociológico*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

- Eizirik, M.F. (2018). Amor, um pássaro rebelde. *Revista de Psicanálise*. 25(1). <https://doi.org/10.5281/sppa%20revista.v25il.354>.
- Ercole F.F., Melo L.S., & Alcoforado C.L.G.C. (2014). Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Rev. Enfermagem UFMG*. 18(1), 13-14. Recuperado de <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/904>.
- Farias, F. Elegia ao amor. (2009) *Revista Psicanálise e Barroco*. Recuperado de: <http://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/8794/7489>.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Ed. Elefante e Coletivo Sycorax.
- Fontelles M.J., Simões M.G., Farias S.H., Fontelles R.G.S. (2009). Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. *Revista Paraense de Medicina*. 23(3). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-588477>.
- Foucault, M. (2019). *História da sexualidade – A vontade de saber*. RJ/SP: Paz e Terra.
- Freire, R. (1999). *Ame e dê vexame*. São Paulo: Casa Amarela.
- Freud, S. (1910/1999c). *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*. Volume 11. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917). *Luto e melancolia*. Volume 12. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Han, B.C. (2017). *Agonia de Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hardy, E. (2019). *Ética do amor livre: guia prático do poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas*. São Paulo; Elefante.
- Homem, M. (2020). *Lupa da alma: quarentena revelação*. São Paulo: Todavia.
- Kilomba, Grada. (2019). *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. RJ: Ed. Cobogó.
- Kuss, A.S.S. (2015). *Amor, desejo e psicanálise*. Curitiba: Juruá.
- Kuss, A.S.S. (2016). Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan. *PSICOLOGIA ARGUMENTO*. 34(86), 243-255. Recuperado de: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=16432&dd99=view&dd98=pb>.
- Lacan, J. (1973). Nota Italiana In: *Outros escritos*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- Lacerda, N. (2021). Brasil tem número recorde de divórcios no segundo semestre de 2020: Convivência doméstica e acesso online ao serviço de cartório são apontados como fatores para alto número de separações. *Brasil de Fato*. Recuperado de:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/01/22/brasil-tem-numero-recorde-de-divorcios-no-segundo-semester-de-2020>.

Leite, K. L. C. (2014). A influência do mito do amor platônico na construção do ideal do amor romântico no Brasil. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 6(12). Recuperado de: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10559>.

Lemes, C.B., & Ondere Neto, J. (2017). Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. *Temas em Psicologia*, 25(1), 17-28. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-02>.

Lins, R. N. (2017). *Novas formas de amar*. São Paulo: Planeta do Brasil.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. (2020). *Pesquisa Nacional Por Amostra da População LGBTI+: Identidade e perfil sociodemográfico*. Recuperado de: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/redes/valorizacao_diversidade/cartilhas/Pesquisa%20Nacional%20Por%20Amostra%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20LGBTI%2B.2020.pdf.

Neves, C. (2020). *O Covid-19 e a pandemia de divórcios no Brasil*. Recuperado de: <https://jus.com.br/artigos/82834/o-covid-19-e-a-pandemia-de-divorcios-no-brasil>.

Oliveira, M. (2009). Operadores booleanos. *Sistema de Bibliotecas – PUC-Rio*. Rio de Janeiro (RJ). Recuperado de <http://www.dbd.puc-rio.br/wordpress/?p=116>.

Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. Coleção Feminismos Plurais. SP: Pólen.

Tiburi, M. (2019). *Feminismo em comum: para todas, todas e todos*. RJ: Rosa dos Tempos.

Wolf, N. (2020). *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres*. RJ: Rosa dos tempos.

ANEXO A – Termo de autorização de uso de imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, _____,
 _____ (nome) _____ (nacionalidade)
 _____, portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
 residente à _____,
 Salvador/BA, **AUTORIZO** o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material entre
 fotos, documentos e outros meios de comunicação, para ser utilizada como produto da pesquisa
TRAVESSIA DOS PROCESSOS DE SEPARAÇÃO CONJUGAL NA
CONTEMPORANEIDADE: EXPERIÊNCIAS FEMININAS, realizada dentro do Programa de
 Mestrado Profissional e Intervenções em Saúde da Escola Bahiana de Medicina e Saúde
 Pública, com sede na Av. D. João VI, nº 274, Brotas – Salvador/BA, inscrita no CNPJ, sob o
 nº 13.927.934/0001-15, sejam elas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou apenas
 para uso interno dessa instituição, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade.

A pesquisadora Valéria Cristina Figueira de Brito deverá apenas utilizar a versão de produto de
 imagem e som (videoteipe) aprovada por mim. Ela não poderá ser modificada depois desta
 autorização.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz,
 acima mencionado, em todo o território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades
 e, em destaque, das seguintes formas: (I) website; (II) rede social Youtube; (III) mídia eletrônica
 (painéis, videoteipes, televisão, cinema, programa de rádio, entre outros).

Por essa ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso, acima descrito, sem que
 nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro e
 assino a presente autorização em duas vias de teor e igual forma.

Salvador, _____

 Nome